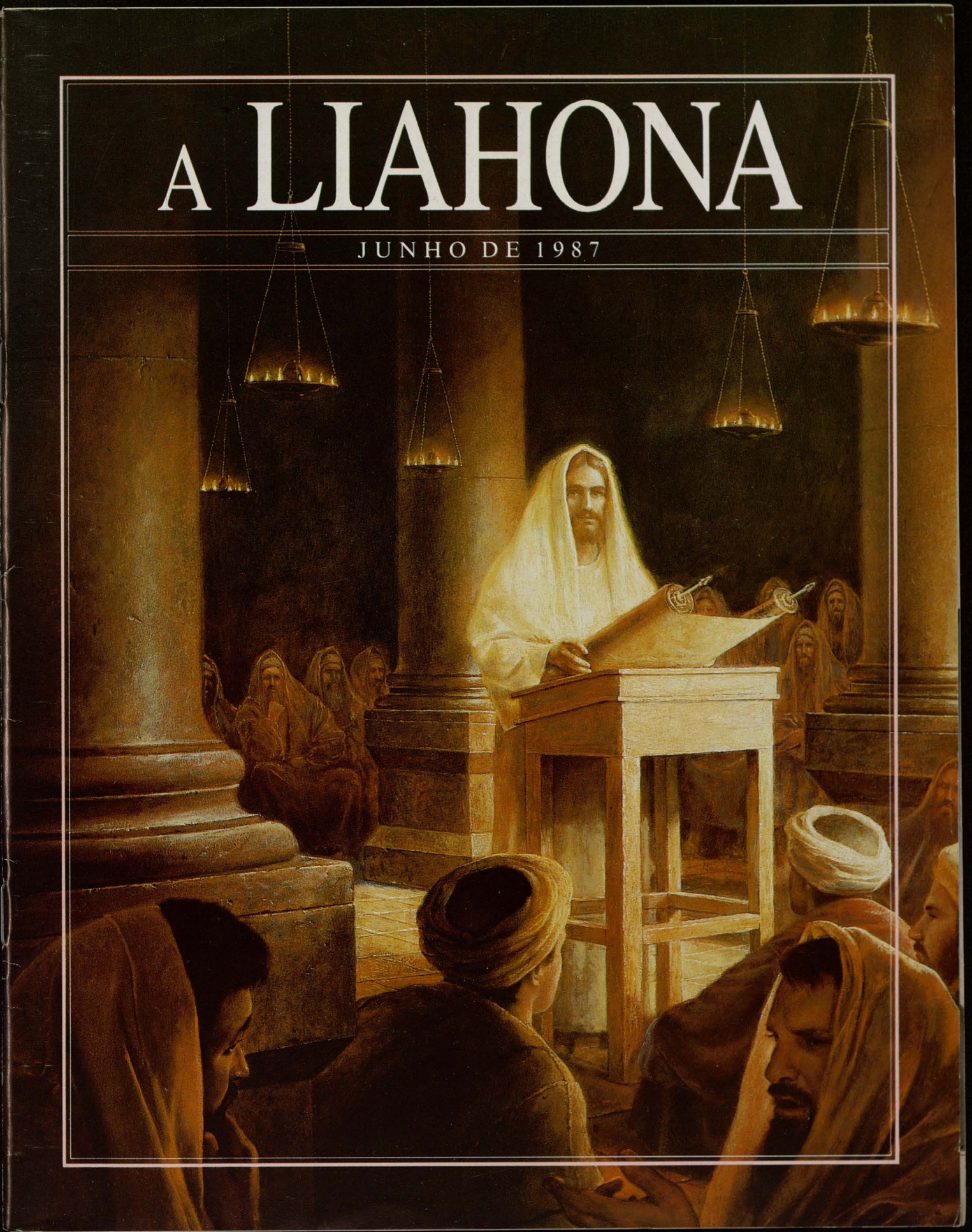
A LIAHONA

JUNHO DE 1987



A LIAHONA

Junho 1987 Volume 40 nº 6
PBMA8706PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore, Derek A. Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Jesus na Sinagoga em Nazaré, de Greg K. Olsen. Cortesia de Leo e Anette Beus.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
VALENTES NO TESTEMUNHO DE JESUS
Presidente Ezra Taft Benson

5 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:
O ALICERCE DO BEM-ESTAR

6 ÉLDER MARVIN J. ASHTON:
AMIGO DE PRISIONEIROS E PRIMEIROS MINISTROS
Breck England

12 VIAGEM A SANTIAGO
Mario Diaz Martinez

14 FLORA AMUSSEN BENSON:
ADJUTORA DE UM PROFETA, SERVA DO SENHOR
Derin Head Rodriguez

20 OS DESEJOS DE NOSSO CORAÇÃO
Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

25 O LIVRO PERDIDO
Anna Margrethe Krogh Thomsen

27 "SERÃO DOIS NUMA SÓ CARNE":
PENSAMENTOS SOBRE A INTIMIDADE DO CASAMENTO
Brent A. Barlow

35 SERVIÇO COMUNITÁRIO:
ESTENDER A MÃO ALÉM DE NOSSO CÍRCULO
Jan Underwood Pinborough

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

42 COISAS QUE NÃO SÃO VISTAS
Don Lind

45 O SACERDÓCIO AARÔNICO
Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze

SEÇÃO INFANTIL

2 O GANSO DE FU BI HSIA
Vicki Blum

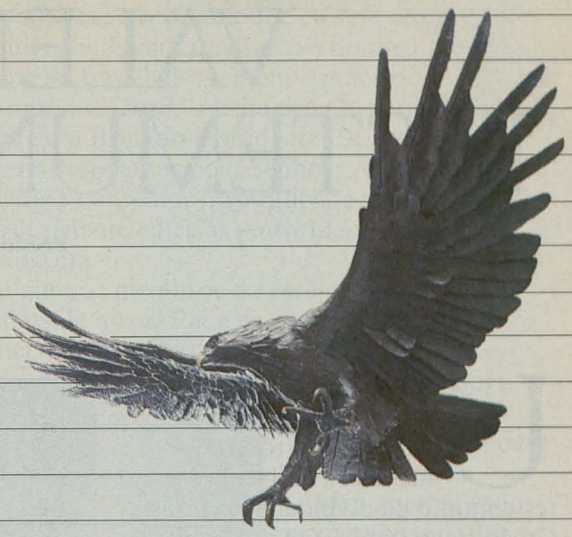
5 COMO POSSO SER UM MISSIONÁRIO?
Julie Wardell

6 COMO PREPARAR UM DISCURSO
Pat Graham

8 LIGAR E COLORIR
Roberta L. Fairall









Mensagem da Primeira Presidência

VALENTES NO TESTEMUNHO DE JESUS

Presidente Ezra Taft Benson

UMA BÊNÇÃO INESTIMÁVEL disponível a todos os membros da Igreja é o testemunho da divindade de Jesus Cristo e sua Igreja. O testemunho é uma das poucas posses que levaremos, ao deixar esta vida.

Ter testemunho de Jesus é obter conhecimento por meio do Espírito Santo, da missão divina de Jesus Cristo.

Ter testemunho de Jesus, é conhecer a natureza divina do nascimento de nosso Senhor, que ele é realmente o Unigênito na carne.

Ter testemunho de Jesus é saber que ele é o prometido Messias e que, enquanto habitou entre os homens, realizou muitos grandes milagres.

Ter testemunho de Jesus é saber que as leis que ele prescreveu como sua doutrina são verdadeiras, e depois viver segundo essas leis e ordenanças.

Ter testemunho de Jesus é saber que ele assumiu voluntariamente os pecados de toda a humanidade no Jardim de Getsêmani, o que o fez sofrer física e espiritualmente a ponto de sangrar por todos os poros. Tudo isso para que não precisemos sofrer, desde que nos arrependamos. (Ver D&C 19:16, 18.)

Ter testemunho de Jesus é saber que ele se levantou triunfante da sepultura com um corpo físico ressurreto. E como ele vive, assim viverá toda a humanidade.



Ter um testemunho de Jesus é saber que Deus, o Pai, e Jesus Cristo realmente apareceram ao Profeta Joseph Smith, a fim de estabelecer uma nova dispensação do evangelho, para que a salvação fosse anunciada a todas as nações antes de sua vinda.

Ter testemunho de Jesus é saber que a Igreja por ele estabelecida no meridiano dos tempos e restaurada nos tempos modernos é, conforme o Senhor declarou, "a única igreja verdadeira e viva na face da terra". (D&C 1:30.)

Ter tal testemunho é vital. Mas, de maior importância ainda, é ser valente no testemunho.

SER VALENTE NO TESTEMUNHO de Jesus significa aceitar a missão divina de Jesus Cristo, abraçar o evangelho e executar suas obras. Também significa aceitar a missão profética de Joseph Smith e seus sucessores, seguindo seus conselhos. Como disse Jesus: "Seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, não importa." (D&C 1:38.)

Falando dos que receberão as bênçãos do reino celestial, o Senhor disse a Joseph Smith:

"Esses são os que receberam o testemunho de Jesus, e creram em seu nome, e foram batizados segundo o modo de seu sepultamento, sendo

sepultados na água em seu nome, e isto de acordo com o mandamento que ele deu.'' (D&C 76:51.)

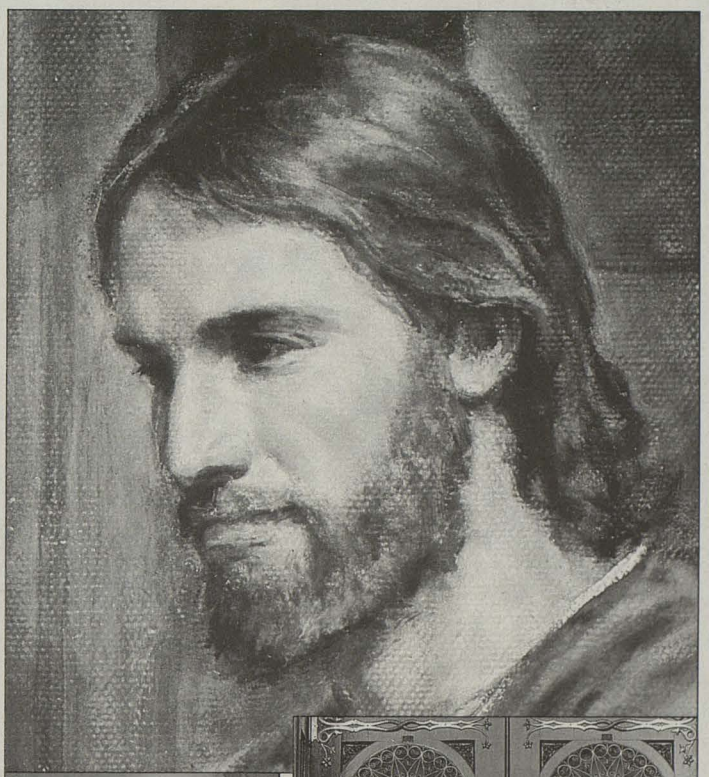
Esses são os valentes no testemunho de Jesus, que, conforme declarou o Senhor, ''vencem pela fé e são selados pelo Santo Espírito da promessa, o qual o Pai derrama sobre todos os justos e fiéis''. (D&C 76:53.)

''Todos os justos e fiéis'' — que expressão adequada para aqueles que são valentes no testemunho de Jesus! Eles são corajosos na defesa da verdade e da justiça. São os membros da Igreja que magnificam os chamados eclesiásticos (ver D&C 84:33), pagam dízimo e ofertas, levam uma vida moralmente limpa, apóiam os líderes da Igreja com palavras e atos, santificam o dia do Senhor e obedecem a todos os mandamentos de Deus.

A estes o Senhor promete que ''todos os tronos e domínios, principados e poderes serão revelados e dados a todos os que, pelo Evangelho de Jesus Cristo, tudo suportaram valentemente''. (D&C 121:29.)

Não ser valente quanto ao próprio testemunho é uma tragédia de conseqüências eternas. Há membros que sabem ser verdadeira esta obra dos últimos dias, mas que não perseveram até o fim.

Aquele que alega ter um testemunho de Jesus Cristo, mas não consegue aceitar a orientação e conselhos da liderança da Igreja, encontra-se numa situação fundamentalmente precária e está em perigo de perder a exaltação.







DESDE A JUVENTUDE, acalento com gratidão o testemunho da veracidade desta gloriosa obra em que estamos empenhados, e oro para que eu seja sempre valente nele. Quero que saibais do meu afeto por meus conselheiros, meus irmãos do Quorum dos Doze, o Primeiro Quorum dos Setenta e o Bispado Presidente. Sei que são homens designados pelo Senhor. Apóio suas palavras e conselhos inspirados, e testifico da união existente entre as Autoridades Gerais desta Igreja.

Eu amo os membros da Igreja. Amo a todos os filhos de nosso Pai e desejo que todos alcancem as bênçãos da vida eterna. Sei que é isto que o Senhor, nosso Salvador e Redentor, deseja para cada um de nós.

Meu apelo a todos os membros da Igreja é que sejam valentes — verdadeiros e leais,

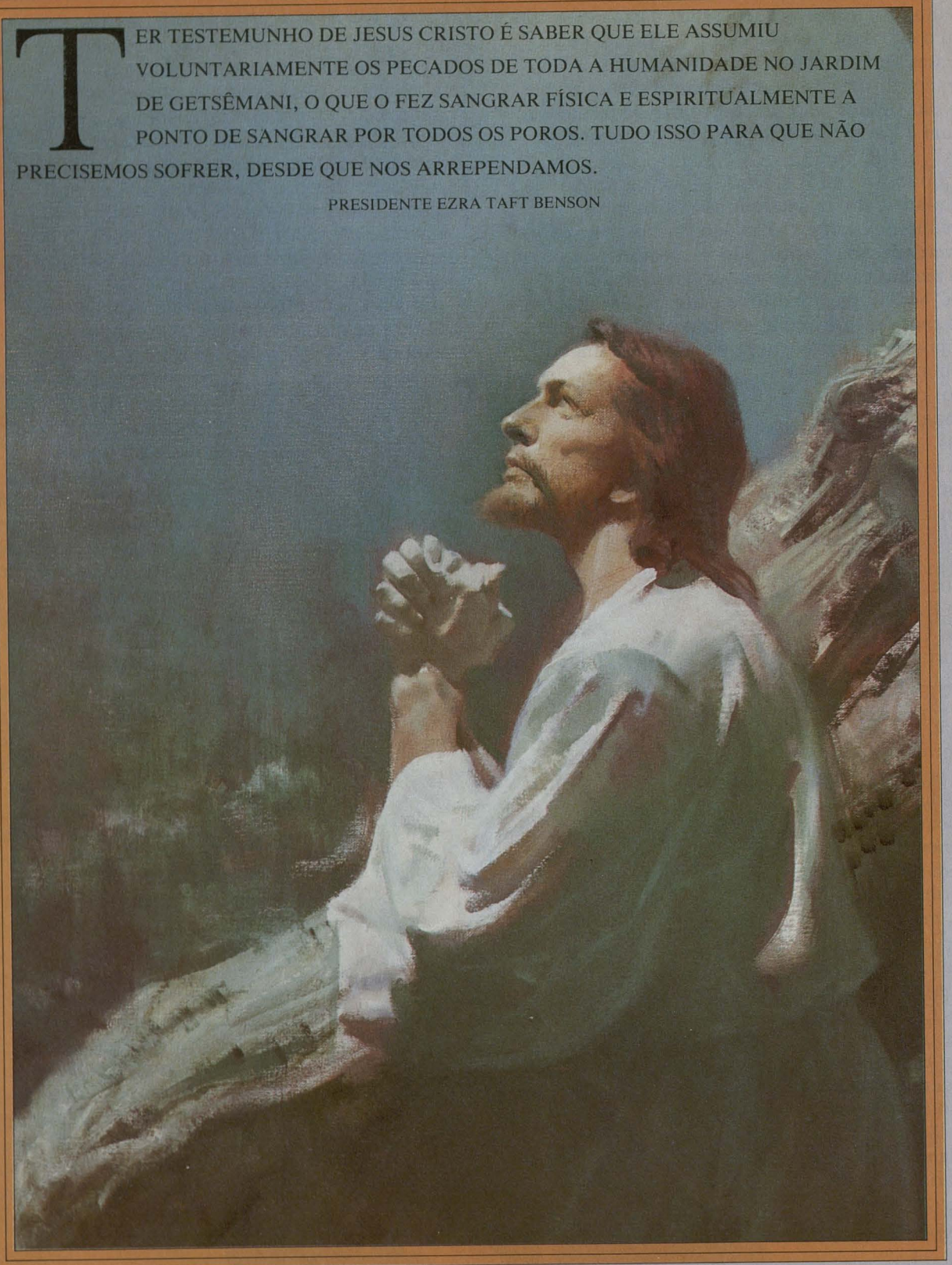
Fiéis à fé que nossos pais prezaram,
Fiéis à verdade pela qual mártires morreram,
Às ordens de Deus,
Pomos alma,
coração e mãos.
Fiéis e verdadeiros (possamos) sempre ser.

(Tradução direta do inglês do refrão de ''Deve Sião Fugir à Luta?'' *Hinos*, nº 116.)

Presto testemunho de que esta é a Igreja de Jesus Cristo. Ele a preside e mantém-se próximo de seus servos. Deus nos abençoe a todos, para que sejamos valentes no testemunho dele, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

TER TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO É SABER QUE ELE ASSUMIU VOLUNTARIAMENTE OS PECADOS DE TODA A HUMANIDADE NO JARDIM DE GETSÊMANI, O QUE O FEZ SANGRAR FÍSICA E ESPIRITUALMENTE A PONTO DE SANGRAR POR TODOS OS POROS. TUDO ISSO PARA QUE NÃO PRECISEMOS SOFRER, DESDE QUE NOS ARREPENDAMOS.

PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON



"Cristo no Getsêmani" de Harry Anderson

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

O ALICERCE DO BEM-ESTAR

Objetivo: Compreender que o amor é o alicerce do serviço de bem-estar.

O serviço de bem-estar é amor em ação. O Presidente Spencer W. Kimball afirmou: "O que fazemos pelos pobres e aflitos é a medida de nosso amor ao próximo e também de nosso amor ao Senhor." ("O Senhor Chamou a Seu Povo Sião", *A Liahona*, dezembro de 1984, p. 6.)

O amor é o ponto central do serviço de bem-estar. No Livro de Mórmon, somos admoestados com estas palavras: "Prezai vossos irmãos como a vós mesmos; sede amáveis para com todos e liberais com vossos bens, a fim de que eles possam ser ricos como vós.

Mas, antes de buscardes as riquezas, buscai o reino de Deus.

E, depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; ...para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos." (Jacó 2:17-19.)

O amor se manifesta ao servirmos nossos semelhantes, e esse serviço, por sua vez, beneficia tanto aquele que dá quanto o que recebe. "Existe uma interdependência entre os que têm e os que não têm", disse o Presidente Marion G. Romney. "Dar exalta ao pobre e humilha o rico ...ambos são santificados. O pobre, liberto da servidão e limitações da pobreza, como homem livre está em condições de atingir seu pleno potencial, tanto temporal como espiritualmente. O rico, repartindo o que lhe sobra, participa do eterno princípio do dar. Depois que a pessoa se torna auto-suficiente, ela passa a ajudar os outros, e assim o ciclo se perpetua." ("O Caráter Celestial da Auto-Suficiência", *A Liahona*, novembro de 1984, p. 6.)

Um casal jovem perdeu todos os seus pertences durante uma enchente em que a água invadiu a vizinhança. Voluntários tiraram a lama e as pedras de dentro da casa, e providenciaram alimentos, roupas e um abrigo temporário para eles. A Sociedade de Socorro providenciou-lhes muitos utensílios domésticos. Em conseqüência dessa ajuda, um maravilhoso laço de amor desenvolveu-se entre os que auxiliaram e os que receberam auxílio. A presidente da Sociedade de Socorro sentiu que um dos propósitos da organização — apoiar e ajudar uns aos outros — havia sido atingido. O jovem casal, profundamente tocado por essa expressão de amor e apoio emocional, sentiu um desejo maior de ajudar outras pessoas.

A obra de bem-estar tem um profundo propósito espiritual. Nosso amor e testemunho se ampliam quando servimos outras pessoas, cumprindo nossa mordomia como membros da Igreja do Senhor. Em Doutrina e Convênios, encontramos uma reafirmação deste conceito: "Todas as coisas me são espirituais, e em tempo nenhum vos dei uma lei que fosse temporal." (D&C 29:34.) □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Relatem experiências próprias, em que os princípios de bem-estar as abençoaram e abençoaram sua família.
2. Debatam como o conceito de bem-estar pode ser ensinado aos membros da família.
3. Exprimam seus sentimentos a respeito da natureza espiritual dos ensinamentos de bem-estar.

ÉLDER MARVIN J. ASHTON

AMIGO DE PRISIONEIROS E PRIMEIROS-MINISTROS

Breck England

No dia 7 de janeiro de 1984, pela primeira vez na história, um primeiro-ministro da República Popular da China estava prestes a visitar os Estados Unidos da América. Enquanto seu helicóptero pairava sobre a pequena comunidade de Laie, no Havaí, centenas de diplomatas, repórteres, militares e intérpretes esperavam entre as palmeiras do Campus do Havaí, da Universidade Brigham Young. Quando o helicóptero pousou, um senhor alto, de cabelos grisalhos, adiantou-se para recebê-lo, como encarregado de saudar o primeiro-ministro Zhao Ziyang, em nome do presidente dos Estados Unidos. Esse cavalheiro era o Élder Marvin J. Ashton, do Quorum dos Doze.



Como membro do Quorum dos Doze, Élder Ashton tem a oportunidade de estender seu amor aos membros do mundo todo.

Para o Élder Ashton, o encontro com o primeiro-ministro chinês foi, acima de tudo, a oportunidade de fazer uma nova amizade. "Descobri que ele tem orgulho de sua família", recorda o Élder Ashton. "É um homem cheio de dignidade, calor humano e uma naturalidade que fez com que nos sentíssemos à vontade junto dele."

Mais tarde, no mesmo dia, houve uma magnífica recepção para o primeiro-ministro, no Royal Hall, em Honolulu. Ao chegar, o visitante chinês divisou o Élder Ashton e sua esposa postados discretamente atrás de três fileiras de convidados. Abandonou a fila de cumprimentos e foi apertar a mão do casal Ashton. Antes de partir, o primeiro-ministro Zhao comentou com o Élder Ashton: "Não sei quais as experiências que terei em minha viagem pelos Estados Unidos e Canadá, mas desejo que saiba que conhecê-lo foi o ponto alto."

Um "Doutor em Relações Humanas"

O Élder Marvin J. Ashton foi a pessoa ideal para receber o líder chinês. Embora sua formação fosse de homem de negócios, poderíamos dizer que o Élder Ashton tem "doutorado em relações humanas". Como líder da Igreja, sua maior satisfação é trabalhar com pessoas e observá-las desenvolver-se. Ele é amado por toda a Igreja, devido às suas mensagens de compaixão e esperança.

Seu terno interesse pelas pessoas de formações as mais diversas, também o levou a servir em sua comunidade. Foi diretor de serviço social, conselheiro de adolescentes e presos, e líder da comunidade.

Marvin Jeremy Ashton nasceu na Cidade do Lago Salgado, a 6 de maio de 1915. Seu pai, Marvin O. Ashton, serviu como membro do Bispado Presidente da Igreja. Como negociante de ferragens e madeira de construção, proporcionou a Marvin a oportunidade de aprender o negócio. Rae Jeremy Ashton, mãe de Marvin, dava grande apoio ao marido, era ativa na Sociedade de Socorro e na Primária, além de ser mãe maravilhosa para seus três filhos e três filhas.

Terminado o curso secundário, Marvin foi para a Escola de Comércio da Universidade de Utah. Serviu como editor de esportes do diário estudantil, além de

Fotografia de Brent Harridge

trabalhar meio período na loja da família. "Meu pai me disse que, se eu desejava cumprir missão, deveria eu mesmo financiá-la." Concluídos os estudos, Marvin conseguiu pagar todas as despesas de sua missão na Inglaterra.

Estrela Missionária do Basquete e Editor de Revista

Naquela época difícil para a Igreja na Inglaterra, os missionários participavam de esportes organizados e de corais, tentando criar uma nova imagem da Igreja. O Élder Ashton decidiu tentar ambos. "Não sei como me saí no teste para o Millennial Chorus", conta ele, rindo. "Não me convidaram para participar." Obteve mais sucesso no basquete. Na verdade, foi capitão do time missionário, o "Santos", que venceu um importante campeonato nacional na Inglaterra, e um campeonato europeu em Lille, na França.

Marvin voltou da missão em 1939, e no ano seguinte casou-se com Norma Berntson, no Templo de Lago Salgado. Ela havia sido presidente de uma associação de alunas universitárias e formara-se com louvor na Universidade de Utah, tendo lecionado durante vários anos. Enquanto estavam noivos, Marvin construiu uma casa para sua futura esposa. Continuou a construir casas até conseguir pagar a sua.

Um Ministro da Compaixão

Em 1948, o casal Ashton tinha dois meninos e duas meninas, quando Marvin foi chamado para servir na junta geral da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes. Ali ficou durante vinte e um anos, inteirando-se, assim, das necessidades e desafios dos jovens. "Se tivesse escolha", diz ele, "gostaria de trabalhar com adolescentes. É preciso estar disposto a ouvir." Em sua comunidade, ajudou a fundar um lar para jovens com problemas.

Em 1969, o Élder Ashton foi chamado como assistente do Conselho dos Doze. Foi a última Autoridade Geral chamada pelo Presidente David O. McKay, já então debilitado devido à idade e problemas de saúde. "Ele me disse, com voz frágil: "Quero que você me ajude"", recorda o Élder Ashton. "De forma alguma poderia resistir a tal apelo."

Em seu ministério como Autoridade Geral, o Élder



Élder Ashton em conversa com o Presidente N. Eldon Tanner, quando este era Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência.

As habilidades de Marvin J. Ashton foram reconhecidas cedo em sua vida, quando recebeu o prêmio de escoteiro (Eagle Scout Badge).

Ashton tem sido um discípulo do tipo mencionado por Jesus, quando disse: "Estive na prisão, e fostes ver-me." (Mateus 25:36.) Coube-lhe a tarefa de unificar os serviços sociais da Igreja, o que lhe deu oportunidade de tomar conhecimento dos sérios problemas enfrentados pelos alcoólatras, delinqüentes, mães solteiras e encarcerados. Ajudou a implantar um programa de noite familiar pelo qual os presos tinham contato semanal com uma família SUD. Segundo o Élder Ashton, é mais provável que os prisioneiros que participaram desse programa não voltem para a prisão após serem libertados.

"Sabe Quando Foi a Última Vez que Nos Vimos?"

Certa vez, no Templo de Jordan River, o Élder Ashton foi abordado por um jovem prestes a casar-se.



Os Ashton reuniram seus filhos e cônjuges para um retrato após uma festa em homenagem a Élder Ashton.



— Sabe quando foi a última vez que nos vimos? — perguntou o rapaz. — Na Penitenciária Estadual de Utah. O senhor falava aos presos numa reunião de Natal.

— Oh — respondeu o Élder Ashton, um pouco surpreso. — O que eu disse que o ajudou?

— Não me lembro do que o senhor disse — replicou o rapaz — mas, depois do discurso, o senhor se aproximou de nós e apertou minha mão. Quando me dei conta de que um apóstolo do Senhor apertara a minha mão, senti que eu devia valer alguma coisa. Essa experiência marcara o início do arrependimento e perdão para aquele jovem.

O Élder Ashton passa muitas horas dando conselhos. É freqüente um presidente de estaca pedir-lhe que fale a pessoas com problemas morais ou dificuldades conjugais. Ele acredita que a única forma de ajudar as pessoas é auxiliá-las na sua situação atual, sem se concentrar nos erros passados. Quando aconselha transgressores, ele diz: "Não estou tão preocupado com o que você fez ou por onde você andou, quanto estou com o que vai fazer daqui por diante."

Fé nas Pessoas

Seu sucesso como conselheiro se fundamenta na fé que tem nas pessoas. "Se você não acredita nas pessoas, elas não mudam para melhor", diz ele. O Élder Ashton teve experiência com este princípio, na sua juventude. "Quando estava no ginásio, minhas

notas em geometria eram baixas. Minha professora me disse: "Não posso tolerar isto, pois conheço seu potencial. Você tem capacidade para fazer um trabalho melhor, e não vou deixar que faça um trabalho pior do que pode." O Élder Ashton recorda: "Foi um momento decisivo, não apenas naquela matéria, mas na minha vida, porque eu sabia que a minha professora tinha fé em mim. Os melhores bispos que já tive foram aqueles que acreditavam em mim a ponto de dar-me alguma coisa extra para fazer — trabalhar no jardim da igreja, quando eu era diácono, me bastava."

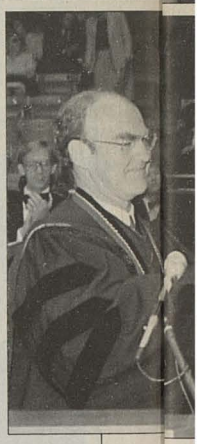
Impressões Espirituais Notáveis

Sua vida de serviço adquiriu uma nova dimensão, quando foi chamado como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, em 2 de dezembro de 1971, preenchendo a vaga deixada pela morte do Élder Richard L. Evans. Desde aí, ele tem tido experiências maravilhosas. "Algumas das impressões espirituais mais notáveis nos vêm por ocasião dos chamados de novos presidentes de estaca. Oramos e meditamos a respeito de alguém para ocupar aquele cargo, e, pelo poder do sacerdócio, sabemos quem é. Temos um prazo, e o Senhor nos ajuda a cumpri-lo. Começamos a entrevistar às duas horas, e, às cinco, descobrimos o que o Senhor já sabia. Aprendemos que é impossível receber inspiração do Senhor sem fazermos nossa parte para torná-la possível — a súplica deve ser acompanhada de uma humilde procura da resposta."

Como testemunha especial de Jesus Cristo, o Élder Ashton tem sempre em mente sua missão de edificar e ensinar as pessoas. Certa vez, um de seus amigos, que se encontrava afastado da Igreja, estava prestes a enviar seu filho para a missão. Quando soube disso, marcou um encontro com o amigo, apenas para abraçá-lo e dizer: "Não seria bom se ele fosse para o campo missionário como seu filho para o tempo e para a eternidade?" Em pouco tempo, esse irmão inativo se preparou, junto com a família, para as bênçãos do templo.

Hoje, depois de mais de uma década de serviços prestados no Quorum dos Doze, o Élder Ashton se aproxima de seu septuagésimo terceiro aniversário. Seus cabelos ondulados, antigamente cor de areia, estão alvos como a neve. Mas ele tem um ar jovial, adequado a um homem que há tanto tempo tem sido amigo dos jovens da Igreja. Quando se levanta da cadeira, é mais alto do que todas as outras pessoas da sala, e seu rosto afável geralmente se enruga num sorriso de menino. Tem a voz suave e agradável, e fala com pessoas totalmente estranhas sem formalidade, como se as conhecesse há muito.





Acima: o jovem Marvin Ashton (ao centro, na última fila) com a família de seu pai em 1943. Acima à direita: Marvin J. Ashton e Norma Berntson Ashton no dia do seu casamento em 1940. Em baixo, à direita: em 1984, Élder Ashton recebeu o grau de doutor honorário em Letras Humanas, da Universidade de Utah, por serviços e realizações. À direita: Élder Ashton recebeu o distintivo Urso de Prata, uma das homenagens máximas do Escotismo, em reconhecimento por seus serviços.

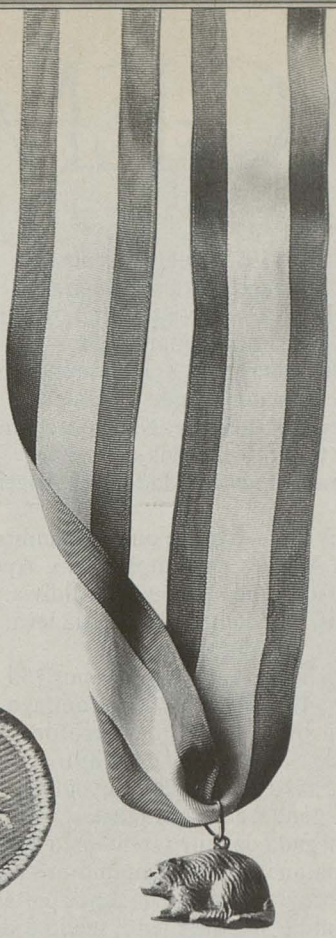
A atividade física é importante para o Élder Ashton. Ele parece e se sente muito mais moço do que é, devido a um programa regular de exercícios. Procura jogar tênis semanalmente, e caminha alguns quilômetros todas as noites, com a esposa, Norma, quando possível. Sobre a Irmã Ashton, diz o marido: "Norma é a melhor coisa que já me aconteceu. Sempre gostamos de partilhar nossas coisas."

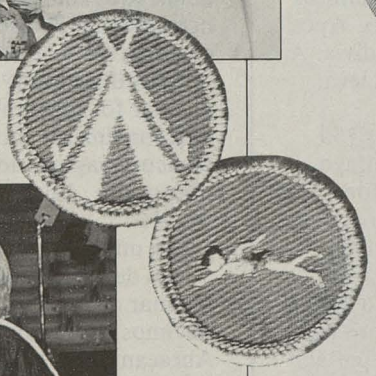
Duas Regras Simples para a Criação de Filhos

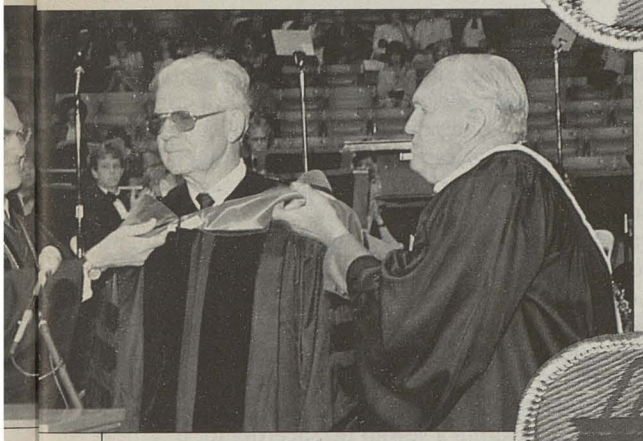
A família sempre ocupou o primeiro lugar na sua lista de prioridades. A respeito de seu papel como pai diz ele: "Há duas regras simples para a criação dos filhos: amor e disciplina. Expliquem sempre aos filhos













a necessidade de disciplina, sem impulsos, rasgos de ira, tapas ou sarcasmo.'' Outro ponto importante: ''Procurem ouvir três quartos do tempo. Perguntem aos filhos o que eles pensam, permitam que expressem suas opiniões. Se os ensinaram bem, ficarão surpresos com as decisões sábias que eles os ajudarão a tomar.''

O Élder Ashton ainda procura manter-se achegado aos filhos, e faz questão de acolher os genros e noras como membros integrantes do círculo familiar.

O Élder Ashton tem apenas uma grande preocupação pessoal: ''Fazer o que sei que devo.'' Ele também demonstra empatia por aqueles que não agem dessa forma. Em todas as mensagens aos santos, repete o mesmo convite feito pelo Mestre: ''Ele vos espera. Ele vos dará as boas-vindas imediatamente, não importa onde estivestes, onde estais agora, quem sois ou que talentos possuís ou vos faltam.'' (''Imediatamente'', *A Liahona*, julho de 1983, p. 57.)

A amizade desse carinhoso discípulo de Cristo é genuína e se estende a todos. Ele anima todos que encontra, desde primeiros-ministros de grandes nações, até ao mais desesperançado prisioneiro. Os aflitos, os negligenciados, os fracos — até mesmo os criminosos — sentiram seu amor. Ninguém que conhece o Élder Ashton pode ter dúvida a respeito de quem ele segue, nem da veracidade das palavras do Salvador: ''Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.'' (João 13:35.) □

Breck England, professor de inglês e francês, é conselheiro no bispado da Ala Vinte e Um de Bountiful (Utah).

VIAGEM A SANTIA

Em 27 de fevereiro de 1977, iniciamos nossa viagem rumo a Santiago, para a primeira conferência de área de nosso país natal, o Chile. Minha esposa Teresa, eu e nossos quatro filhos — Oriana, Doris, Mariela e Mario Jr. — estávamos muito ansiosos para ir, especialmente porque o Presidente Spencer W. Kimball estaria presente. Não conseguimos passagens de ônibus e teríamos que viajar os 530 quilômetros que separavam nossa cidade, Los Angeles, de Santiago, de trem.

Nossa família e mais cerca de nove outros membros do Ramo Dois de Los Angeles, viajamos juntos. Após várias baldeações, nosso grupo chegou em Valdivia. A última parte da viagem, que começaria ali, iria levar dez horas.

Na estação de Valdivia, havia mais ou menos 150 pessoas esperando para tomar o trem para Santiago. Quando chegamos, foi anunciado pelos microfones que a locomotiva quebrara, e teríamos de esperar mais duas horas. Mas o trem já estava tão lotado, que havia pessoas nas escadas, e penduradas nas janelas.

Estava prevista a chegada de outro trem que viria do sul, para mais tarde, naquela noite. Reunimo-nos para orar e planejar. Concordamos que deveríamos tentar entrar no próximo trem de qualquer jeito, tendo todo o cuidado com nosso filho mais novo, Mario Jr., para que não se perdesse. Já era mais de meia-noite quando ouvimos um apito e as pessoas começaram a gritar: "Está chegando! Está chegando!" A essa altura, duzentas pessoas esperavam na plataforma.

Ao chegar o trem, qual não foi nossa decepção ao vermos que aquele também já estava lotado. Quando parou todos se embaralharam, procurando um lugar para entrar. Encontrando o pequeno Mario, empurrei-o para dentro de um dos vagões, mas o trem já estava partindo. Ele parara por apenas alguns segundos! Ao ver o trem desaparecer na escuridão, minha mulher perguntou: "Onde estão todos?" Todos nós estávamos lá, com exceção de nosso filho Mario, de dez anos. "Onde está meu filho?" perguntou minha esposa, em pânico. Tentei explicar-lhe o que acontecera e lhe disse que deveríamos confiar no Senhor.

Desalentados, olhamos para a locomotiva quebrada, de Valdivia. Era nossa única esperança. Conseguimos subir na parte posterior do vagão de carvão — quinze pessoas carregando malas e pacotes, espremidas num espaço que não tinha mais de quatro metros de largura. Uma hora mais tarde engataram uma outra locomotiva à nossa, e iniciamos a viagem que duraria dez horas. Lá estávamos nós — homens, mulheres e crianças — segurando-nos a barras e corrimões, muitos num pé só, com o outro pé pendurado no espaço, alguns amarrados com cintos. Estávamos gelados, e o vento nos fustigava. Faíscas da chaminé da locomotiva choviam sobre nós.

Após duas horas e meia de viagem, a locomotiva auxiliar foi substituída por uma a diesel. Ocasionalmente, nosso desespero se transformava em pânico, imaginando o que estaria acontecendo ao nosso Mario, que, àquela altura, já estava três horas na nossa frente.

Era uma hora da tarde, quando nosso trem chegou ao seu destino. A estação central de Santiago era como um mar de gente. Logo depois que começamos a busca, ouvimos uma vozinha gritando: "Mamãe, mamãe!" Abraçamo-nos todos, chorando de alegria. O Senhor ouvira nossas preces.

O pequeno Mario contou-nos como ficara apavorado. A viagem fora tão longa, que ele sentira vontade de chorar. Finalmente, encontrou um espaço entre dois lugares, e lá dormiu toda a noite. Quando chegou a Santiago, não sabia o que fazer. Disse que somente sua fé no Senhor e o desejo de conhecer o profeta o haviam sustentado.

Naquela noite, durante a sessão do sacerdócio, o estádio do Chile estava repleto. Mario e eu nos sentamos a apenas quarenta metros do profeta. O espírito da ocasião era tão maravilhoso, que nossos olhos se encheram de lágrimas novamente, pensando nas grandes bênçãos que nosso sacrifício nos trouxera. Estava pensando em nossa incrível experiência, quando percebi que Mario havia desaparecido. Olhei à minha volta, mas não consegui encontrá-lo.

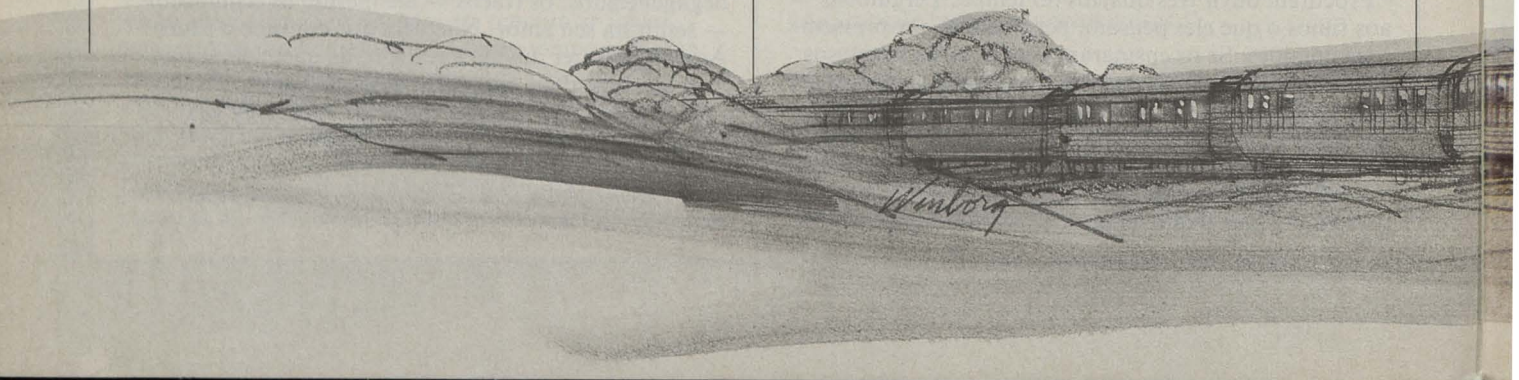


Ilustração de Larry Winborg

AGO

Mario Diaz Martinez

Muito assustado, voltei-me na direção do profeta, como a buscar consolo. Lá estava Mario, cumprimentando o profeta e apertando-lhe a mão, num gesto de amor. Depois Mario correu para mim, chorando de alegria. "Olhe minha mão", disse ele. "Tocou o profeta de Deus." Ele havia se esgueirado por entre os guardas que protegiam o Presidente Kimball.

Hoje, oito anos depois, Mario estuda engenharia na universidade. Ele é um líder da Igreja e se prepara para sair em missão. "Por mais tempo que eu viva, nunca me esquecerei de que apertei a mão do profeta", diz ele. "É o amor de nosso Pai Celestial a todos nós, especialmente a minha família, que me dá coragem de servir ao Senhor em tempo integral." □



FLORA AMUSSEM BENSON

Adjutora de um Profeta, Serva do Senhor

Derin Head Rodriguez



Eles estão sentados lado a lado no sofá, inclinados um para o outro, os ombros se tocando. Será que cantariam para os presentes? "Devemos?" ele lhe pergunta, com um sorriso de menino iluminando os olhos. Ela concorda, e põem-se a cantar "When It's Springtime in the Rockies", conhecida canção folclórica norte-americana. Ela entoa a melodia numa voz de soprano alta e clara, e ele a acompanha em tons combinados e suaves. Suas cabeças estão próximas, seus olhos se encontram freqüentemente.

Excelente Harmonia

Existe uma excelente harmonia ali — musical e em outros sentidos — que perdura há sessenta anos.

"Foi horrível!" exclama ele rindo, quando terminam. Mas para quem os ouvia, a pequena apresentação estava muito afinada, sendo típica da harmonia entre Ezra Taft Benson e Flora Amussen Benson ao cantarem, rirem, orarem e trabalharem juntos durante seis décadas. Os anos os tiraram de uma pequena fazenda, no sul de Idaho para o gabinete do presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, em Washington, D.C.; de missões nas Ilhas Britânicas do Havaí, para a presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

"Flora teve mais visão a respeito de mim e de meu potencial, do que qualquer outra pessoa na vida", diz o Presidente Benson. "Sua fé e apoio têm sido uma grande bênção." "Tenho sido muito abençoada, sendo esposa de um profeta", diz a Irmã Benson. O chamado de seu marido o leva ao mundo inteiro, e Flora tem sido uma companheira constante. Ela em geral é um pouco tímida em público, mas dá grande força ao homem que está ao seu lado.

Pais Pioneiros

Flora é a última filha da última esposa de Carl C. Amussen, o primeiro joalheiro de Utah. Nascido em 1823, num lar culto em Kjolge, Dinamarca, Carl encontrou o evangelho aos vinte e cinco anos, quando apanhou uma cópia de *"A Voz da Advertência"* de Parley P. Pratt, que voava pela rua. O rico joalheiro e relojoeiro, homem profundamente espiritual, foi logo batizado. Quando seus sinceros esforços para converter a família na Dinamarca falharam, ele fechou seu estabelecimento e partiu da Europa para unir-se aos santos, em Utah.

De St. Louis, no Missouri, para a Cidade do Lago Salgado, o Élder Amussen viajou em grande estilo, com um cozinheiro e um cocheiro para dirigir seu carro de bois. Quando chegou em Lago Salgado, estabeleceu-se como joalheiro. Seu negócio logo se tornou atração na nova cidade, com o primeiro jardim elaborado e chafariz no

estado. Teve grande sucesso na vida profissional, como servidor na Igreja e líder civil, primeiramente na Cidade do Lago Salgado e depois no norte de Utah, na cidade de Logan.

Também arranjou tempo para cumprir quatro missões, duas na Dinamarca, uma na Austrália e outra na Nova Zelândia. Dava muita fartura a sua família, freqüentemente levando alguns de seus familiares em longas viagens, duas vezes ao redor do globo. Um erudito, que falava diversas línguas, possuía uma das melhores bibliotecas e coleções de pinturas a óleo, de Utah.





Acima: seus pais, Barbara Smith e Carl C. Amussen. Ao alto, à direita na sua formatura na Faculdade Estadual Agrícola de Utah. Na página oposta: vestida para o baile da posse do Presidente Eisenhower.

A mãe de Flora, Barbara Smith Amussen, nasceu em 1867, em Tooele, Utah, de pais escoceses. Com grande desejo de adquirir cultura, sentia amor ao belo e era dotada de uma natureza alegre e generosa. Com pouco mais de vinte anos, casou-se com Carl Amussen, quarenta e dois anos mais velho do que ela.

A Irmã Amussen deu à luz oito filhos, sendo que a última — Flora — tinha apenas um ano de idade, quando o Irmão Amussen morreu, aos setenta e seis anos. Viúva durante os últimos quarenta anos de vida, a Irmã Amussen serviu mais de vinte anos como oficiante do Templo de Logan.

O caráter de Flora Amussen desenvolveu-se num lar cheio de amor e fé. Embora não se lembre do pai, histórias sobre sua vida a influenciaram muito. Mas foi a intimidade da mãe com a filha que proporcionou a Flora uma base de fé, autoconfiança e dependência do Senhor.

"A Jovem Mais Popular da Cidade"

A primeira vez que Flora viu "T", como afetuosamente chama o marido, foi quando freqüentava a Faculdade Estadual Agrícola de Utah (agora Universidade Estadual de Utah), em Logan. Ele estava parado numa esquina, com o primo, que era amigo dela, quando ela passou de carro e acenou-lhes alegremente. "T" estava visitando o campus, fazendo alguns cursos por correspondência até que tivesse condições financeiras de freqüentar a escola em tempo integral.

— Quem é aquela jovem? — perguntou.

— Ora, é Flora Amussen — respondeu o primo.

— Quando eu vier para a escola, vou namorá-la.

— Você jamais conseguirá. Ela é popular demais para você.

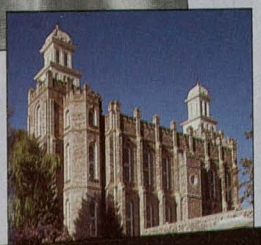
— Isso torna a coisa mais interessante — respondeu o futuro profeta. Ele já sabia que aquela era a jovem com quem se casaria.

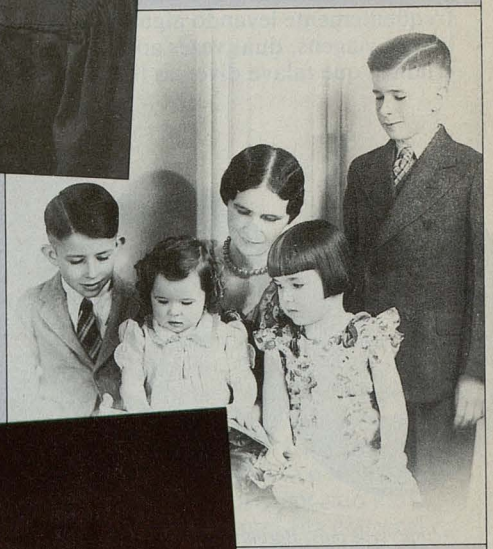
Mas o jovem fazendeiro de Idaho enfrentou forte competição ao solicitar a atenção da Srta. Amussen. Enquanto estudava, ela foi vice-presidente do corpo estudantil da Faculdade Estadual de Agricultura e presidente do clube de atletismo das jovens. Também conquistou o campeonato de tênis feminino, foi eleita para a fraternidade honorária de teatro, por ter representado Shakespeare, e era constantemente solicitada a exibir sua habilidade natural para tocar













Depois de servir na Missão do Havaí, Flora casou-se com Ezra Taft Benson no Templo de Logan, Utah. Seu marido e seus seis filhos sempre foram o ponto central de sua vida.

Homenageada como "A Dona de Casa do Ano".



quase todos os instrumentos musicais, sem precisar de ensaio.

O Presidente Benson lembra-se de quando chegou para seu primeiro encontro com a "jovem mais popular da cidade". Devido à gentileza de Flora e de sua "magestosa mãe", o rapaz do campo logo se sentiu à vontade na grande casa de cultura e refinamento.

"Quando saímos da casa, e ela beijou ternamente sua mãe, eu sabia que estava acompanhando uma jovem primorosa, e estava disposto a tirar o máximo daquela oportunidade", comenta ele.

"Nada na vida de Flora me impressionou mais do que sua reverente bondade e amor à mãe", continua o Presidente Benson. "O relacionamento delas era uma inspiração — a mais doce relação que já presenciei entre mãe e filha."

Da mesma forma, Flora ficou impressionada com o jovem educado, bonito e profundamente espiritual. "Eu desejava casar-me com um fazendeiro e aprender a trabalhar, cozinhar e costurar", diz ela, acrescentando enfaticamente — "e consegui!"

O namoro do casal foi interrompido, quando o Élder Benson atendeu ao chamado para cumprir missão nas Ilhas Britânicas. Quando voltou, não perdeu tempo em pedi-la em casamento.

Uma Missão Própria

Mas Flora possuía uma programação própria, e "ainda não" foi sua resposta. Ela sentia que aquele rapaz necessitava de uma boa educação, a fim de preparar-se para o grande futuro que o aguardava. Além disso, recebera ela própria um chamado para a missão no Havaí. Serviu durante vinte meses, parte dos quais passou lecionando nas escolas da Igreja; durante os últimos oito meses, teve sua mãe como companheira de missão.

Um dos deveres da jovem Irmã Amussen era trabalhar meio período no Templo do Havaí. Certa noite, quando se preparava para sair, descobriu que todos os outros já haviam partido. Para voltar à casa da missão, precisava atravessar uma densa mata e um campo no qual haviam acontecido incidentes perigosos. Temeu por sua segurança.

Antes de sair do templo, Flora orou, rogando a proteção do Senhor. Ao sair, viu-se envolvida por um círculo que a acompanhou pela mata, pelo campo e até os degraus da casa da missão, desaparecendo quando ela entrou, em segurança. Desde aí ela tem-se sentido envolta por segurança e orientação muitas vezes, quando tem confiado no Senhor, embora jamais tão literalmente como naquela noite, numa outra terra, longe de casa.

Ao regressar da missão, Flora preparou-se para desposar Ezra Taft Benson, que, então, já se formara na Universidade Brigham Young. A 10 de setembro de 1926, Flora Amussen abandonou uma substancial mesada para iniciar a vida de casada com parcos recursos, ao lado de seu bem-amado "T".

"Eu herdara muitos bens materiais em ações e dividendos, de meu pai", explica a Irmã Benson. "Entreguei tudo à minha mãe viúva, por ocasião de meu casamento. Decidi casar-me com um homem que era rico espiritualmente, não em coisas materiais. Preferia que qualquer posição de honra ou bens materiais que tivéssemos, fossem conquistados por nós dois juntos, iniciando de baixo."

Horas após a cerimônia, os recém-casados deixaram a Cidade do Lago Salgado para aproveitar uma bolsa de estudos de pós-graduação, no valor de setenta dólares mensais, na Faculdade Estadual de Iowa, em Ames, Iowa. Viajaram rumo ao leste em uma "pick-up" Ford Modelo T, usada, que continha todos os seus bens terrenos. Pelo caminho, acamparam numa barraca esburacada.

Enquanto o marido trabalhava em seu mestrado em Ciências, a Irmã Benson fez cursos de economia doméstica. O casal aprendeu novas maneiras de fazer o dinheiro render até o fim do mês, sempre tirando primeiro sete dólares para pagar o dízimo do Senhor. "As lições que aprendi foram inestimáveis", lembra-se a Irmã Benson. "O dinheiro não poderia comprá-las. Vivemos da ajuda do Senhor e do amor que nos unia."

Algumas semanas após o casamento, "T" sentiu que eles precisavam de um pouco de diversão, e sugeriu um jogo de tênis. "E saibam de uma coisa, nunca apanhei tanto em minha vida, em coisa alguma", ri o Presidente Benson. "Eu disse: — Onde você aprendeu a jogar desse jeito? Flora respondeu: — Ora, ganhei o campeonato feminino da Faculdade Estadual de Agricultura de Utah. — Eu não sabia!"

Após a formatura do Irmão Benson, o casal mudou-se para uma fazenda em Whitney, Idaho. "Contraímos uma dívida pesada", recorda o Presidente Benson. "Foi preciso muito trabalho, orçamentos cuidadosos e muito planejamento para saldar nossos compromissos. Às vezes, assim que acabávamos de pagar uma vaca, éramos obrigados a vendê-la, a fim de pagar o médico pela chegada de um precioso bebê."



Mas o Senhor não deixou a jovem família na fazenda por muito tempo. Os interesses do Irmão Benson logo o levaram para Preston, depois Boise, Idaho; adiante para Berkeley, na Califórnia, a fim de estudar mais; e, finalmente, para Washington, D.C. Foi seu chamado para o Conselho dos Doze, em 1943, que os levou de volta para Lago Salgado.

Apenas dois anos mais tarde, ao final da Segunda Guerra Mundial, o Élder Benson foi chamado pelo Presidente George Albert Smith para ir à Europa e reorganizar a Igreja lá, distribuindo também os tão necessários mantimentos, roupas e medicamentos. O Presidente Smith morava perto da família e prometeu cuidar da Irmã Benson e das crianças, enquanto o Élder Benson estivesse fora.

Embora sua saúde tenha sido seriamente provada durante os dez meses em que ele esteve fora, a tenacidade da Irmã Benson nunca esmoreceu. Três meses após a partida do marido, sua filha Beth, de nove meses, foi acometida de grave pneumonia. A fé constante da Irmã Benson, seus cuidados incansáveis, acompanhados por bênçãos do sacerdócio, restauraram a saúde da criança.

Outro capítulo da vida dos Benson começou quando, anos mais tarde, o Élder Benson, incentivado pelo Presidente David O. McKay, aceitou o cargo de Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, durante o governo do Presidente Eisenhower. A Irmã Benson mudou-se alegremente com a família para a capital do país, dedicando seu tempo e energia à família, esquivando-se à maior parte da vida social de Washington.

Mas certa ocasião, num esforço missionário, a Irmã Benson decidiu oferecer um almoço à Sra. Eisenhower e outras esposas de assessores do presidente. Como era costume, na casa da família Benson, não foi contratado pessoal de fora para o evento. Ela e suas quatro filhas passaram semanas planejando cuidadosamente o cardápio, limpando a casa, preparando entretenimento e examinando a etiqueta e o protocolo.

Se a Irmã Benson estava preocupada, pensando se as convidadas sentiriam falta do café, cigarros e jogos de carta, que normalmente faziam parte de tais acontecimentos, não havia razão para isso. Os coquetéis, mistura de refrigerante e suco de abricó feito em casa, foram um grande sucesso, assim como o entretenimento — um coral da Universidade Brigham Young que estava em excursão pela costa leste.

"A parte mais interessante foram as belas cartas que recebemos mais tarde das senhoras presentes, dizendo-nos como tinha sido emocionante experimentar um toque de "mormonismo", e como nossos jovens cantores eram maravilhosos", recorda a Irmã Benson.

Aqueles anos em Washington, cheios de controvérsias e críticas sobre a política agrícola, fizeram do Secretário Benson o alvo mais visado de críticas organizadas e constantes, dentre os altos funcionários do governo. Entretanto, ele era conhecido por sua maneira tranqüila, e por sua capacidade de permanecer calmo sob pressão.

Qual o seu segredo? A revista *American Magazine* identificou-o como seu lar e sua vida familiar, e mais especificamente a Irmã Benson. "(O Secretário Benson) colhe de sua religião e de sua família muito



Acima: A Irmã Benson com Mamie Eisenhower, esposa do Presidente dos Estados Unidos e Pat Nixon, esposa do vice-presidente.

unida, uma força e uma serenidade que é... única na vida pública... Flora é considerada o ponto central da vida familiar deles. Amigos da família concordam em que ela age como influência alentadora sobre o marido.'' (*American Magazine*, junho de 1954, pp. 109-110.)

O marido, os filhos e a Igreja foram sempre os principais pontos da vida da Irmã Benson. Seu esposo esteve ausente de casa pelo menos metade da vida de casados, deixando grande parte das responsabilidades familiares sobre os ombros dela. Ela freqüentemente rejeitava convites, até mesmo um do presidente dos Estados Unidos, quando sentia que precisavam dela em casa.

''Estaria disposta a morar numa cabana de madeira, se pudesse ter comigo minha família e o evangelho'', afirma a Irmã Benson, acrescentando com uma piscadela: ''Bem, se a cabana fosse limpa e eu pudesse ter cortinas nas janelas.''

A família Benson compreende o filho Reed, sua mulher, May, e seus nove filhos, de Provo, Utah; o filho Mark, sua mulher, Lela, e seus seis filhos, de Lago Salgado; a filha Barbara, o marido Robert Walker, e seus cinco filhos, de Calgary, Alberta, Canadá; a filha Beverly, o marido, James Parker, e seus quatro filhos, de Burke, Virgínia; a filha Bonnie, o marido, Lowell Madsen, e seus seis filhos, de Littleton, Colorado; e a filha Beth, o marido David Burton, e seus quatro filhos, de Lago Salgado. Além deles, têm ainda vinte bisnetos.

''Eu desejava doze filhos, mas precisei conformar-me com seis especiais'', diz a Irmã Benson, acrescentando: ''Se tivéssemos tido gêmeos, todas as vezes, teríamos conseguido os doze.''

Em sua bênção patriarcal, conferida quando Flora tinha apenas dezoito meses de idade, foi-lhe prometido que os homens não conseguiriam desapontá-la. Essa promessa cumpriu-se por meio de seu discernimento e julgamento infalíveis. Ao encontrar uma pessoa pela primeira vez, ela geralmente conta suas impressões ao marido, vendo seus sentimentos confirmados mais tarde.

''Mamãe tem a capacidade de ouvir os sussurros do Espírito'', concorda Reed. ''Sempre que ela diz: ''Sinto que você deveria fazer assim e assim'', eu lhe dou atenção, porque sempre está certa. Muitas vezes entrei num quarto e encontrei-a de joelhos, orando. Sei que, quando ela ora pela gente, consegue-se uma linha direta de ajuda.''

O casal aproveita a companhia um do outro, agora, mais do que nunca, passeando freqüentemente pelas montanhas, tomando sorvete num lugar favorito, e cantando e dançando. Todos os dias, a Irmã Benson lê o Livro de Mórmon para o marido, e depois debatem o que leram.





Ambos concordam em que uma das coisas mais fortes de seu casamento é o amor e confiança absolutos que têm um pelo outro. ''Eu jamais, *jamais* tive qualquer dúvida a respeito da lealdade de Flora'', salienta o Presidente Benson. Seus momentos mais felizes ainda são quando estão juntos.

Depois de cantar ''There's a Long, Long Trail Winding'' e ''Let Me Call You Sweetheart'', numa recente reunião familiar, o Presidente Benson sorriu para a esposa de sessenta anos, declarando: ''Vocês acham que ainda estamos apaixonados... e estamos mesmo!'' □

OS DESEJOS DE NOSSO CORAÇÃO

Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

Todos nós desejamos a suprema bênção da exaltação no reino celestial. Mesmo quando deixamos de viver como devíamos, desejamos o que é certo. Este é o meu assunto: "Os Desejos de Nosso Coração."

Interessa-me este assunto, porque ele mostra o contraste entre as leis de Deus, reveladas nas escrituras, e o que eu chamaria de leis dos homens, estabelecidas nas legislações nacional e estadual, com as quais me ocupei nos meus trinta anos como advogado.

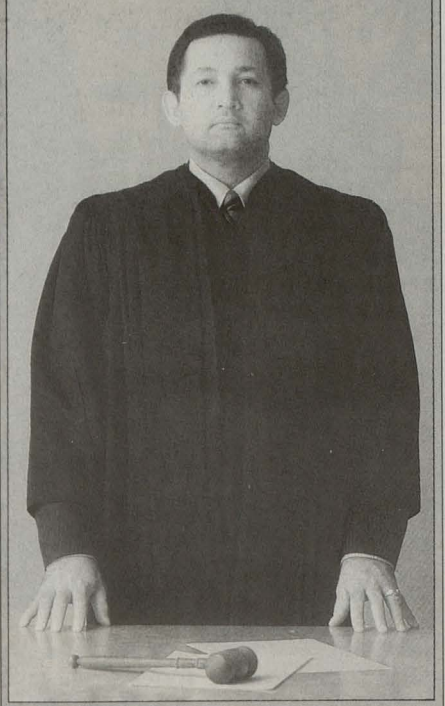
Leis: Dos Homens e de Deus

As leis de Deus tratam das coisas espirituais. As conseqüências espirituais são provocadas por nossos pensamentos ou desejos, assim como por nossos atos. Mas as leis do homem preocupam-se em grande parte com nossos atos.

Permiti-me dar-vos um exemplo simples, para ilustrar esse contraste. Suponhamos que nosso vizinho possui um belo carro, que está estacionado fora da casa. Não fazemos nada, nenhum ato, mas olhamos para aquele carro com vontade de tê-lo, e o cobiçamos. Mesmo não tendo feito nada quebramos um dos Dez Mandamentos. (Ver Êxodo 20:17.) Haverá conseqüências espirituais.

Até este ponto, não violastes nenhuma lei dos homens. Contudo, se sairdes guiando o carro, tereis cometido um erro que poderá ser punido pelas leis dos homens. A fim de vos dar uma punição, a lei procuraria descobrir vosso intento, ao pegar o carro. Se simplesmente pretendêsseis tomar o carro emprestado, na crença errada de que vosso vizinho consentiria, talvez não fôsseis culpado de um crime. Contudo, certamente seríeis responsáveis por qualquer dano causado ao carro. Se pretendêsseis usar o carro contra o desejo do proprietário, devolvendo-o em pouco tempo, teríeis cometido um crime pequeno. Se pretendêsseis ficar com o carro permanentemente, teríeis cometido um crime de monta. A fim de escolher uma das várias alternativas, o juiz procuraria determinar vosso estado de espírito.

AS LEIS DO HOMEM PREOCUPAM-SE EM GRANDE PARTE COM NOSSOS ATOS.



As leis dos homens, às vezes, pesquisam as intenções de uma pessoa, a fim de determinar as conseqüências de determinados atos, porém jamais punirá apenas os desejos. Foi assim nos tempos do Livro de Mórmon. Ao lermos Alma, vemos que o povo de Néfi podia ser punido por seus atos criminosos, mas "não havia lei alguma que proibisse a crença de alguém". (Alma 30:11.) É bom que seja assim, pois a lei não tem meios confiáveis de examinar o coração de um homem.

Em contrapartida, as leis de Deus podem ter conseqüências baseadas simplesmente em nossos pensamentos e desejos íntimos. Como Amon ensinou ao Rei Lamoni, "ele observa todos os filhos dos homens e conhece todos os seus pensamentos e intenções; pois que por suas mãos foram todos criados desde o princípio". (Alma 18:32.)

Semelhantemente, Paulo advertia os hebreus de que a palavra de Deus é "apta para discernir os pensamentos e intenções do coração", e "todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos" de Deus. (Hebreus 4:12-13.)

NOSSO CORAÇÃO É RETO PARA COM OS OLHOS DE DEUS QUANDO VERDADEIRAMENTE DESEJAMOS O QUE É CORRETO. É RETO PERANTE DEUS QUANDO DESEJAMOS O QUE DEUS DESEJA.



Fotografia de Michael Schoenfeld

Em outras palavras, Deus nos julga não apenas por nosso atos, mas também pelos desejos de nosso coração. Isto não nos surpreende, pois o livre-arbítrio e a responsabilidade são princípios eternos. Exercemos o livre-arbítrio não apenas pelo que *fazemos*, mas também pelo que *decidimos*, ou *desejamos*, ou *queremos*. Somos, portanto, responsáveis pelos desejos de nosso coração.

Este princípio se aplica tanto de forma negativa — tornando-nos culpados de pecado devido a maus pensamentos e desejos — como de forma positiva — prometendo-nos bênçãos por desejos justos.

Os Pecados do Desejo

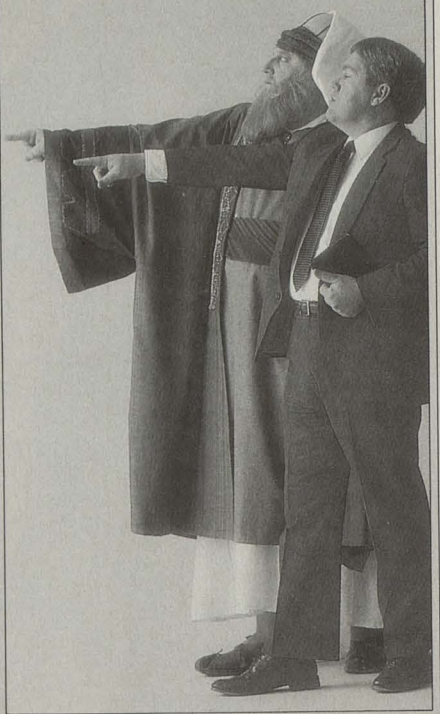
O Senhor definiu um pecado do desejo quando declarou: "E eis que foi escrito pelos antigos: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar uma mulher para cobiçar, já em seu coração terá praticado adultério." (3 Néfi 12:27--28; ver também Mateus 5:27-28.)

O Novo Testamento condena a ira e os sentimentos vis, outro exemplo de pecados cometidos apenas com base em pensamentos. (Ver Mateus 5:22.)

Mesmo aqueles que pregam o evangelho — um ato que geralmente consideramos justo — estão pecando, se pregarem visando vantagens pessoais, ao invés de fazê-lo para propagar a palavra do Senhor: "Que não haja intriga de sacerdotes, pois que intriga é o que eles pregam, e se estabelecem como a luz do mundo para que possam ter lucros e o louvor do mundo, porém não procuram o bem-estar de Sião." (2 Néfi 26:29; ver também Alma 1:16.)

MESMO AQUELES QUE PREGAM O EVANGELHO, ESTÃO PECANDO, AO PREGAREM VISANDO VANTAGENS PESSOAIS, AO INVÉS DE FAZÊ-LO PARA PROPAGAR A PALAVRA DO SENHOR.



E aqueles que se aproximam do Senhor com os lábios, mas cujo coração se encontra afastado dele, também são culpados de um pecado de desejo. (Ver Isaías 29:13; Mateus 15:8; 2 Néfi 27:25; Joseph Smith 2:19.) Também o salmista condena o povo da antiga Israel, porque "seu coração não era reto para com [Deus]". (Salmo 78:37.)

Mórmon ensina que, se nosso coração não é justo, mesmo uma boa ação não é considerada retidão. "Pois eis que Deus disse que, se um homem é mau, não pode praticar o que é bom, porque, se oferecer uma dádiva... e esta não for feita com real intento, nada lhe aproveitará.

Porque não lhe é imputada por justiça.

Pois eis que, se um homem mau oferece uma dádiva, fá-lo de má vontade; portanto, será considerado como se não tivesse feito a dádiva; conseqüentemente, é contado como mau perante Deus." (Morôni 7:6-8.)

Mórmon até aplica esse princípio a nossas orações: "Igualmente, se um homem ora sem verdadeira intenção de coração, de nada lhe aproveita e lhe é imputado por mal, pois a esse não o recebe Deus." (Morôni 7:9.)

A Educação de Nossos Desejos

Quando nosso coração é reto para com Deus? Nosso coração é reto para com Deus quando verdadeiramente desejamos o que é correto. É reto perante Deus, quando desejamos o que Deus deseja.

A força de vontade, que nos foi concedida divinamente, dá-nos controle sobre nossos desejos, mas talvez leve anos para que os eduquemos a ponto de serem totalmente justos.

O Presidente Joseph F. Smith ensinou que "a educação de nossos desejos é de muita importância para nossa felicidade". (*Doutrina do Evangelho*, p. 270.)

Como educamos os nossos desejos? Começamos pelos nossos sentimentos. Minha mãe viúva compreendia esse princípio. "Ore a respeito de seus sentimentos" costumava dizer. Ela ensinou aos seus três filhos que devíamos orar para termos o tipo certo de sentimentos a respeito de nossas experiências — positivas ou negativas — e sobre as pessoas que conhecíamos. Se nossos sentimentos fossem certos, os desejos de nosso coração se mostrariam justos e seria mais provável que agíssemos de maneira correta.

Dois de meus versículos prediletos de escritura encontram-se no Salmo vinte e quatro:

"Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo:

Aquele que é limpo de mãos e puro de coração." (Vers. 3-4; ver também Alma 5:19.)

Se nos abstivermos de atos iníquos, teremos mãos limpas. Se evitarmos os pensamentos proibidos, teremos um coração puro. Aqueles que querem atingir e permanecer no supremo lugar santo, deverão ter ambos.

O que esses ensinamentos sobre sentimentos e desejos significam para cada um de nós?

Permaneceremos sem culpa perante a lei de Deus, simplesmente abstendo-nos de atos impuros? E se tivermos pensamentos e desejos iníquos?

O ódio passará despercebido no dia do julgamento? E a inveja? E a cobiça?

Seremos inocentes, se nossas transações comerciais tiverem a intenção de fraudar, mesmo que não envolvam qualquer ato punível pela lei?

Seremos inocentes segundo a lei de Deus, apenas porque as leis dos homens não prevêem uma compensação para nossa vítima?

Teremos direito a bênçãos, se aparentemente buscamos as coisas de Deus, pregando ou publicando a mensagem do evangelho, mas o fazemos visando riqueza ou honra, e não com os olhos fitos na glória de Deus?

Nossas respostas a tais perguntas ilustram o que poderíamos chamar de más novas, ou seja, o fato de que podemos pecar sem atos públicos, mas simplesmente por nossos sentimentos e desejos do coração.

Mas há também as boas-novas. Sob a lei de Deus, podemos ser recompensados por nossa retidão, mesmo quando não temos possibilidade de realizar atos geralmente associados a tais bênçãos.

PODEREMOS SER RECOMPENSADOS POR NOSSA RETIDÃO, MESMO QUANDO NÃO TEMOS POSSIBILIDADES DE REALIZAR ATOS GERALMENTE ASSOCIADOS AOS DESEJOS DE NOSSO CORAÇÃO.



Bênçãos pelos Desejos Justos

Lembro-me de uma coisa que meu sogro costumava dizer. Quando alguém realmente desejava fazer algo por ele, mas as circunstâncias o impediam, dizia: "Obrigado. Ficarei com a boa intenção em lugar do feito."

A lei de Deus pode recompensar um desejo justo porque a onisciência de Deus consegue discerni-lo. Como foi revelado por intermédio do Profeta Joseph Smith, "Deus discerne os pensamentos e intentos do coração". (D&C 33:1.) Se uma pessoa não pratica determinada ação porque realmente não tem condições de fazê-lo, mas verdadeiramente a praticaria, se pudesse, nosso Pai Celestial o sabe e recompensá-la-á segundo o seu desejo.

Talvez a melhor ilustração que encontramos nas escrituras a respeito deste assunto é o ensinamento do Rei Benjamim sobre dar:

"E agora digo aos pobres, ... refiro-me a vós, que negais ao

mendigo porque não tendes; quisera que dissésseis em vossos corações: Não dou porque não tenho, mas, se tivesse, daria.

Se isso disserdes em vossos corações, permanecereis sem culpa." (Mosiah 4:24-25.)

Alma ensinou que Deus "concede aos homens segundo o seu desejo, sejam estes para a morte ou para a vida; ... segundo o seu desejo, tanto para a salvação como para a destruição ... mas aquele que conhece o bem e o mal, a esse lhe será dado segundo seu desejo". (Alma 29:4-5.)

Isto significa que, quando fazemos tudo o que nos é possível, nossos *desejos* nos levarão pelo resto do caminho. Significa também que, se nossos desejos forem justos, poderemos ser perdoados pelos erros que inevitavelmente cometeremos, tentando transformar nossos desejos em atos. Que consolo para nossa sensação de inadequabilidade!

Acrescento duas advertências: Primeiro, devemo-nos lembrar de que o desejo substitui a ação somente quando esta é verdadeiramente impossível. Se não fizermos tudo o que nos for possível para fazer o que nos foi ordenado, poderemos enganar a nós mesmos, mas jamais enganaremos o Justo Juiz. A fim de servir como substituto de uma ação, o desejo não pode ser superficial, impulsivo ou temporário. Precisa ser profundamente sentido, em toda sua possível extensão.

Segundo, não devemos presumir que os desejos de nosso coração possam servir de substituto para uma ordenança do evangelho. Considerai as palavras do Senhor ao exigir duas ordenanças do evangelho: "Na verdade, na verdade, te digo", foram as palavras de Jesus, "que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus". (João 3:5.) E com referência aos três graus de glória celestial, as revelações modernas afirmam: "E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do sacerdócio (significando, o novo e eterno convênio do casamento)." (D&C 131:2.) Nenhuma exceção é mencionada para estes mandamentos ou autorizada em qualquer outro lugar das escrituras.

QUEM SUBIRÁ AO MONTE DO SENHOR? AQUELE QUE É LIMPO DE MÃOS E PURO DE CORAÇÃO.



Contudo, o Senhor misericordiosamente autorizou-nos a realização de tais ordenanças por procuração, a favor daqueles que não as receberam nesta vida. Assim, uma pessoa que esteja no mundo espiritual e o deseje, recebe o crédito de participação na ordenança como se a tivesse realizado pessoalmente. Desta forma, por meio do serviço amoroso de procuradores vivos, os espíritos que já partiram também são recompensados pelos desejos de seu coração.

Resumindo, pelas leis de Deus, somos responsáveis por nossos sentimentos e desejos, assim como por nossos atos. Pensamentos e desejos iníquos serão punidos. Atos que parecem bons, trazem bênçãos apenas quando realizados com real e justa intenção. Do lado positivo, seremos abençoados pelos desejos retos de nosso coração embora algumas circunstâncias externas tenham impossibilitado a transformação de tais desejos em atos.

Comentando o ensinamento de Paulo em Romanos 2:29, é santo dos últimos dias quem o é no interior, cuja conversão é do espírito, do coração, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus, pelos desejos íntimos do coração. □

De um discurso devocional proferido na Universidade Brigham Young, em 8 de outubro de 1985.

O LIVRO PERDIDO

Anna Margrethe Krogh Thomsen

Era uma bela manhã de verão, no campo, no norte da Alemanha, e meu marido e eu estávamos indo de carro de nossa casa em Frederiksberg, Dinamarca, para o condado em que a mãe de minha mãe havia nascido. Como uma criança antecipando o cumprimento de um grande desejo, fiquei com um nó na garganta, quando vi o primeiro sinal anunciando "Ladelund". Desde que me filiara à Igreja, tinha o ardente desejo de submeter o nome de minha avó para as ordenanças no templo. Com freqüência tivera orientação divina em minha pesquisa genealógica, e desejava ardentemente ajudar minha avó a receber as bênçãos plenas do evangelho.

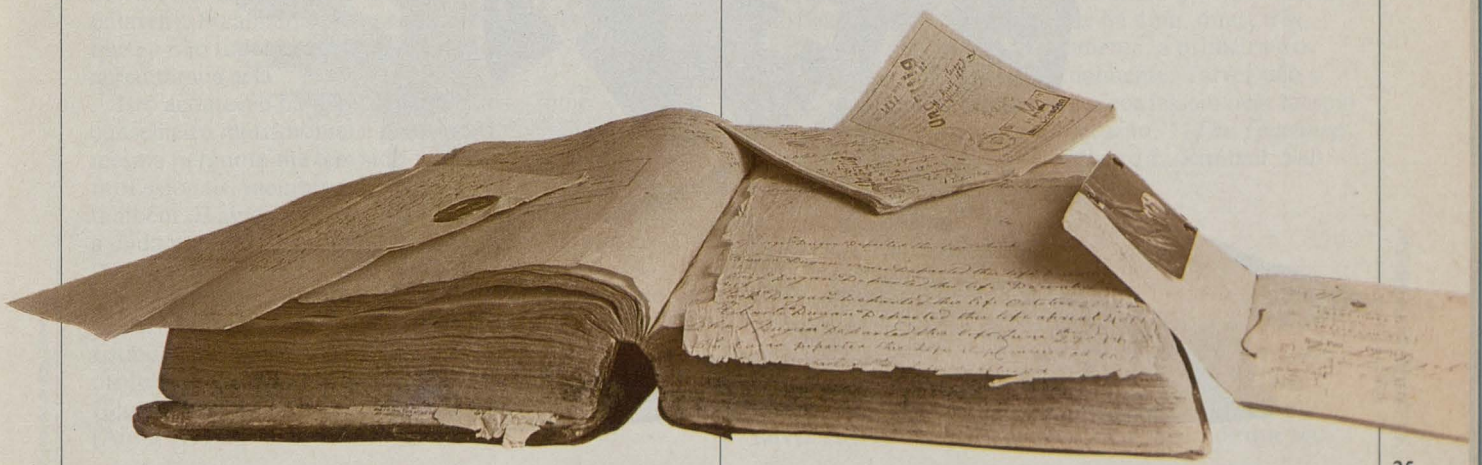
No norte da Alemanha, há registros pessoais espalhados por várias casas paroquiais, ao invés de estarem todos reunidos num arquivo central. Assim, havia escrito para Ladelund, visando descobrir onde se encontravam os registros de minha avó. Telefonara então ao padre para marcar uma hora, a fim de examinar os livros que continham tais registros.

Quando chegamos à pequenina casa em Ladelund, a secretária do padre recebeu-nos calorosamente. Depois, dirigiu-se ao cofre para apanhar o livro que eu recebera permissão de consultar, mas voltou, com uma expressão de perplexidade. "O livro que a senhora precisa não está aqui, mas estava ontem", disse ela. Juntas procuramos em todas as estantes de livros, mas não conseguimos encontrá-lo.

Fiquei profundamente desapontada. Eu me esforçara tanto! Por que o Pai Celestial não estava ajudando? Voltei ao carro, a fim de aguardar nosso próximo compromisso, algumas horas mais tarde. Enquanto estava lá sentada, chorando, tive a idéia de nos dirigirmos à pequenina cidade onde a família de minha avó havia morado. Embora fizesse mais de cem anos que a família morara lá, eu desejava ver como era o lugar.

Chegamos à cidadezinha lá pelo meio-dia, e não conseguimos ver ninguém. Passando em frente de umas nove ou dez casas, finalmente divisei uma mulher idosa lavando as janelas de sua casa. Paramos e corri para perguntar-lhe se sabia alguma coisa sobre a família de minha avó. Quando estava ali parada, junto à porta, dei uma olhadela na placa que continha o nome da família, e meu coração quase parou, quando vi o nome *Carstensen* — o nome de família de minha avó!

Foi então que a senhora abriu a porta, e com um belo sotaque eslavo, perguntou o que eu desejava. Depois que lhe expliquei o que fora fazer, ela disse. "Oh, é a árvore genealógica de vovó que você quer ver. Vou buscá-la." Saiu da sala e voltou, espalhando diante de mim uma árvore genealógica que mostrava



meus parentes desde 1600. Além dos nomes de cada casal, com datas de nascimento, casamento e morte, alistava todos os filhos, com o local de nascimento e casamento. Este documento me proporcionou mais informações sobre a família de minha avó do que jamais teria conseguido nos registros da igreja. Agora eu sabia exatamente onde procurar os filhos da família.

Depois que voltei para casa, na Dinamarca, recebi uma carta da igreja de Ladelund. A secretária me informava que o livro perdido havia sido colocado no lugar errado. Graças a esse "erro", encontrei não apena um, porém mais de cem nomes de minha família alemã. Na verdade, o Senhor estivera ajudando-me o tempo todo, embora eu não o percebesse a princípio. □

A Irmã Thomsen, mãe de dois filhos, é professora de jardim de infância e serve como conselheira de genealogia e bibliotecária na Estaca de Copenhagen, Dinamarca.



Brent A. Barlow

"SERÃO DOIS NUMA SÓ CARNE"

PENSAMENTOS SOBRE A INTIMIDADE DO CASAMENTO



Muitos anos atrás, quando eu era um jovem missionário e acabara de receber um companheiro novo, conhecemos um ministro protestante que nos convidou para entrar, a fim de nos livrarmos do frio. Após trocarmos pontos de vista sobre vários tópicos ele nos perguntou: "E qual é a atitude dos mórmons a respeito da sexualidade?"

Engasguei com minha xícara de chocolate quente. "Bem", disse o ministro, depois de um momento de silêncio, "você poderia dizer-me qual a filosofia mórmon a respeito da sexualidade?" Fiquei sem palavras. Finalmente, meu companheiro, percebendo que eu não tinha uma resposta, replicou: "Senhor, nós acreditamos nela."

Isto aconteceu há mais de vinte anos. Como conselheiro matrimonial e professor universitário, essa mesma pergunta me tem sido feita por alunos, amigos, profissionais, membros da Igreja e não-membros também. E ainda não encontrei melhor resposta do que a dada por meu jovem companheiro missionário: "Acreditamos nela."

Acreditamos nela, sabendo do sofrimento causado por seu uso inadequado, fora dos laços do matrimônio. Estamos plenamente conscientes das advertências dos profetas, passados e presentes. Como disse Alma a seu filho Coriânton: "Iniqüidade nunca foi felicidade." (Alma 41:10.)

Mas também acreditamos na bênção resultante da intimidade adequada no casamento. Estamos cônscios da alegria e união vivida pelo casal que nutre esta parte de seu relacionamento.

Sim, a despeito do potencial de alegria proveniente da sexualidade no casamento, muitos casais têm em seu relacionamento sexual uma fonte de frustração e até de contenda. É certo que a incapacidade de se relacionarem intimamente é uma das principais causas de divórcio. O Presidente Spencer W. Kimball observou que, mesmo em nossa própria igreja, "se estudarem os divórcios, como tivemos que fazer nesses anos passados, descobrirão que há uma, duas, três, quatro razões para eles. Geralmente, a primeira é o sexo. Eles não combinam sexualmente. Talvez não o digam no tribunal. Talvez não o confessem nem mesmo a seus advogados, mas essa é a razão." (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 312.)

Idéias Erradas sobre a Intimidade

Como algo tão belo pode tornar-se fonte de tantos problemas? Parte da dificuldade decorre de idéias erradas. Algumas pessoas acreditam que a intimidade sexual é apenas um mal necessário para se ter filhos. Talvez os pais tivessem vergonha de tocar no assunto, talvez estivessem preocupados, com medo de que seus

Ilustração de Kay Stevenson



filhos pudessem quebrar a lei da castidade, ensinando então apenas as conseqüências negativas da sexualidade.

Algumas idéias erradas resultam da interpretação errada de certos versículos bíblicos. Em Efésios 5:22, por exemplo, as mulheres são incentivadas a "sujeitar-se" aos maridos. Algumas pessoas interpretaram erroneamente essa escritura, achando que as mulheres deveriam ceder ao marido, mesmo sem vontade. Nessas condições, as demonstrações íntimas não promoveriam a unidade conjugal.

Um Belo Poder

Na realidade, contudo, a sexualidade é um belo poder conferido por Deus à humanidade. O Presidente Kimball observou: "A Bíblia celebra o sexo e seu uso apropriado, apresentando-o como criado, ordenado e abençoado por Deus. Deixa claro que o próprio Deus implantou o magnetismo físico entre os sexos por duas razões: para a propagação da raça humana e para a expressão daquele amor existente entre um homem e sua mulher, que produz a verdadeira unicidade. Seu mandamento que o primeiro homem e a primeira mulher fossem "uma só carne" foi tão importante quanto o de "frutificai e multiplicai-vos". ("Diretrizes para Levar Avante o Trabalho de Deus em Pureza", *A Liahona*, agosto de 1974, p. 38.)

É interessante observar que as palavras *sexo* e *sexualidade* não aparecem nas escrituras. Em seu lugar, é usada a palavra *conhecer*, para referir-se à relação íntima entre homem e mulher. Esse "conhecer" ou "familiarizar-se com" é um aspecto profundamente satisfatório do amor conjugal. Um bom casamento *pode* sobreviver sem sexualidade — quando um dos cônjuges fica doente ou fisicamente incapacitado, por exemplo. Mas esse aspecto íntimo do "conhecer" um ao outro contribui para a inteireza do relacionamento conjugal.

Um Assunto de Discussão Apropriado

Conversar sobre as dimensões físicas do relacionamento pode auxiliar os cônjuges a se conhecerem fisicamente. Mesmo parceiros que discutem com toda liberdade sobre finanças, educação dos filhos, atividades recreativas etc, freqüentemente sentem-se pouco à vontade debatendo esse assunto íntimo. E às vezes presumem que seu relacionamento íntimo deva funcionar "naturalmente", e que o fato de falar sobre ele significa que algo está errado. Isto não é verdade. Embora essas intimidades, devido a sua natureza sagrada, não devam ser discutidas com amigos ou outros parentes, é totalmente apropriado debatê-las com o cônjuge.

A esse respeito, o Élder Hugh B. Brown, um apóstolo do século vinte e membro da Primeira Presidência, observou: "Muitos casamentos se destruíram nas rochas do comportamento sexual ignorante e baixo, tanto antes como depois do casamento. A ignorância total de recém-casados sobre o papel e o funcionamento do sexo resulta em muita infelicidade e lares destruídos.

Milhares de jovens chegam ao altar praticamente analfabetos quanto a essa função básica e fundamental...

Se aqueles que vão participar deste relacionamento humano tão glorioso e íntimo, que é o casamento, procurassem qualificar-se para suas responsabilidades... se debatessem francamente os aspectos delicados e santificadores da vida sexual harmoniosa envolvidos no casamento... muita dor, sofrimentos e tragédias poderiam ser evitados." (*You and Your Marriage*, Salt Lake City: Bookcraft, 1960, pp. 22-23, 73.)

Conversar sobre essa relação íntima — incluindo a parte emocional que a acompanha — pode ajudar muito no fortalecimento de um matrimônio.

Uma Expressão de Amor, Compromisso e União

Alguns problemas referentes a esse aspecto do casamento ocorrem quando um dos cônjuges limita indevidamente seu uso ou o faz inadequadamente. A sexualidade deve ser parte integrante do amor e da doação. Qualquer uso que não inclua estes sentimentos, é impróprio.

Em meu trabalho como conselheiro matrimonial, descobri que alguns casais julgam que a expressão sexual deve limitar-se a uma dimensão: a reprodução. Mas o Presidente Kimball afirmou: "Não conhecemos instruções do Senhor de que as experiências sexuais adequadas entre marido e esposa devam limitar-se unicamente à procriação de filhos." ("O Plano do Senhor para Homens e Mulheres", *A Liahona*, abril de 1976, p. 3.) Criar filhos é uma parte integrante e bela da intimidade conjugal. Mas usar a intimidade apenas para tal propósito, é negar seu grande potencial como expressão de amor, compromisso e união.

> Nem o marido sozinho, nem a esposa sozinha, controlam o relacionamento físico, mas ambos devem ter uma atitude de atendimento em relação ao outro.

Abuso da Intimidade

Por outro lado, há casais que parecem pensar que a única razão para a sexualidade é a gratificação física. Essas pessoas tornam-se tão obcecadas com o prazer, que a emoção do amor fica totalmente esquecida. Outras ainda usam a sexualidade como arma ou instrumento de barganha. Isto não é apenas um abuso de um privilégio concedido por Deus, mas demonstra grande egoísmo por parte de um ou ambos os cônjuges, tornando a sexualidade destrutiva, ao invés de elemento unificador no matrimônio.

Falta de informações a respeito das expressões sexuais do homem e da mulher também podem causar problemas conjugais.

Velhos Chavões

Algumas pessoas apegam-se a velhos chavões, considerando erradamente as mulheres menos sexuais do que os homens. Às vezes, as imagens de homens e mulheres, mostradas na televisão, em revistas, livros e filmes, influenciam sutil e incorretamente nossa percepção da sexualidade. Raramente os meios de comunicação apresentam um relacionamento conjugal equilibrado, maduro e amoroso. Os homens geralmente são apresentados como heróis fortes e bonitos, com poucas responsabilidades e apenas um desejo: sexo. As mulheres são mostradas como perdidamente românticas, usualmente interesseiras ou tolas, tendo, em todos os casos, apenas uma função: satisfazer os desejos do homem. Essa visão distorcida nega a individualidade do homem e da mulher. Ignora o fato de que ambos são filhos de Deus, cada um com esperanças, desejos, talentos e emoções. Quando marido e mulher esquecem esta verdade e consideram um ao outro como objeto, a sexualidade pouco ou nada pode fazer em favor da intimidade.

Naturalmente, também existem problemas físicos ou psicológicos, que podem prejudicar esse aspecto do casamento. Um marido ou mulher que tenha sofrido abuso sexual quando criança, por exemplo, pode apresentar profundos problemas emocionais. Nesses casos, seria apropriado consultar um bispo ou

conselheiro qualificado, para obter ajuda. E um médico poderá auxiliar no caso de problemas físicos.

A Necessidade de Amor Cristão

Um grande problema nesse aspecto, como em todos os outros do casamento, é o egoísmo.

Duvido de que exista um outro relacionamento humano melhor que o casamento para nos ensinar a necessidade de amor cristão, aquele amor irrestrito e incondicional que nos persuade a pensar mais no outro do que em nós mesmos. Entretanto, são poucas as pessoas, mesmo entre aquelas que aparentam viver um bom casamento, que aprenderam a fazê-lo tão bem quanto poderiam ou deveriam.

Nem sempre é fácil deixar de lado todas as outras considerações e atentar para as necessidades do cônjuge, fazendo depois o melhor para preenchê-las. Freqüentemente fazemos aos outros aquilo que nos tornaria felizes se alguém nos fizesse. E depois não entendemos por que a outra pessoa não está feliz. Uma grande chave para o sucesso do matrimônio é descobrir o que agrada ao cônjuge, e depois sentir alegria, proporcionando-lhe essa felicidade.

Tutela Sexual

Quando consideramos a sexualidade uma parte vital da harmonia e felicidade conjugais, ela se torna mais do que algo que simplesmente damos ou recebemos. Gosto de pensar na sexualidade como uma das responsabilidades do casal. Poderíamos chamar isso de tutela sexual.

> Assim como o marido precisa arranjar tempo para a esposa, esta também necessita encontrar tempo para o marido.

Na parábola dos talentos, Jesus ensinou que devemos melhorar qualquer coisa que ele tenha confiado a nossos cuidados. (Ver Mateus 25:14-20.) E no casamento, temos várias tutelas conjuntas, como os filhos, a fidelidade e o cuidado diário dos membros da família.

Exemplos de tutelas conjuntas no casamento podem ser encontrados nas escrituras. Em Moisés, capítulo cinco, somos informados a respeito dos afazeres de Adão e Eva e pelos quais eram responsáveis *juntos*. No versículo um, lemos que "Adão começou a cultivar a terra, a exercer domínio sobre as bestas do campo... E Eva, sua esposa, também trabalhava com ele." Assim, eles compartilhavam a responsabilidade do trabalho. Compartilhando outras dimensões da vida, eles também tiveram relações sexuais e geraram filhos *juntos* (vers. 2); oraram e receberam inspiração *juntos* (vers. 4); receberam mandamentos *juntos* (vers. 5); ensinaram seus filhos *juntos* (vers. 12); e também se lamentaram *juntos* (vers. 27).

Paulo sugere uma responsabilidade sexual comum, quando diz: "O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido.

A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também, da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher." (I Coríntios 7:3-4.)

Para mim, isto significa que nem o marido sozinho, nem a mulher sozinha, controlam o relacionamento físico, mas ambos devem ser diligentes em seu compromisso mútuo. Ambos devem ter uma atitude de atendimento em relação ao outro. Com esta idéia em

mente, vamos examinar algumas maneiras como marido e esposa podem cumprir sua parte dessa tutela, melhorando essa dimensão do seu casamento.

Ao Marido

O marido precisa dedicar tempo a sua mulher. Os dois precisam de tempo juntos para compartilhar idéias, para se desenvolver e aprender juntos, e para se alegrarem juntos. Nenhuma mulher pode sentir-se muito entusiasmada com um marido que passa todo o tempo no trabalho, em reuniões da igreja, em atividades de lazer que a excluam, ou em frente à televisão ou jornal. O marido que sempre passa o tempo com coisas que excluem a mulher, transmite-lhe a mensagem de que ela não é muito importante. No entanto, a esposa deve ser a pessoa mais importante de sua vida.

O Presidente Spencer W. Kimball, referindo-se a Doutrina e Convênios 42:22 ("Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra"), diz: "As palavras *nenhuma outra* eliminam tudo e todos. O cônjuge se torna preeminente na vida do marido ou esposa, e nem a vida social, nem profissional ou política nem qualquer outro interesse, pessoa ou coisa jamais terá prioridade sobre aquele ou aquela que se escolheu como companheiro ou companheira." (*O Milagre do Perdão*, p. 241.)

Se o marido coloca outras coisas em primeiro lugar, e não encontra tempo para cultivar certa intimidade em outros aspectos do relacionamento com a mulher, ela, provavelmente, não mostrará muito interesse na intimidade sexual.

Assim, uma esposa poderá não ter interesse, caso sinta que o marido não toma conhecimento ou não se importa com as dificuldades aparentemente pequenas de sua vida. Certa esposa comentou uma vez comigo que ela desejaria que o marido "chegasse do escritório, me olhasse nos olhos, me perguntasse como me sinto, como foi meu dia atarefado, e depois me desse um beijo e um longo abraço". Muitas esposas apreciam profundamente pequenos auxílios que demonstram ser o marido sensível a suas necessidades. Muitas me disseram como apreciam o marido, quando ele ajuda no serviço doméstico ou cuida dos filhos após um longo e atarefado dia. Outras apreciam a ajuda do marido quando estão doentes, grávidas ou assoberbadas com o trabalho caseiro. Pequenas coisas — agradecimentos, cumprimentos e frases como "eu te amo" — são importantes. Quando estes "pequenos" elementos são acrescentados ao casamento, a sexualidade se torna mais significativa e expressa um profundo amor. Sem esses "extras", a intimidade sexual pode tornar-se algo não satisfatório, tanto para o marido quanto para a mulher.

As esposas também gostam de romance. O problema aqui é que, às vezes, o marido e a mulher têm uma definição diferente de romance. Muitas esposas incluem em sua definição o tempo que ela e o marido passam juntos fazendo coisas do interesse de ambos. Elas incluem expressões de amor, tanto verbais quanto escritas, ou pequeninos presentes que têm significado apenas para os dois. Se o romance, no casamento, ficar limitado à sexualidade, as mulheres podem sentir-se mais exploradas do que amadas.

Uma queixa que ouvi muitas vezes de esposas é que existe pouca afeição em seu casamento. Numa pesquisa realizada há algum tempo, descobri que a maioria das mulheres coloca a satisfação sexual bem no alto da lista do que desejam no casamento. Mas a maioria delas considera a intimidade não-sexual ainda mais importante. Muitas esposas falaram-me da satisfação que encontram, quando ficam de mãos dadas com o marido, ou ficam sentadas junto a ele lendo ou assistindo a televisão. Uma esposa também aprecia a preocupação do marido em relação a ela na própria relação sexual.

Quando o marido aprende a descobrir e a satisfazer as várias necessidades da esposa, o amor no seu casamento e todas as expressões desse amor, com certeza crescerão.



Para a Esposa

Talvez a coisa mais importante que uma mulher pode fazer para melhorar seu relacionamento sexual no casamento é compreender que o marido também é um ser humano com várias necessidades, esperanças e aspirações. Infelizmente a imprensa falada e escrita transmite espalhafatosamente a idéia de que o homem deseja apenas uma coisa de um relacionamento. Adotar este ponto de vista estreito e limitado a respeito dos homens é injusto. Mesmo os homens que têm idéias erradas sobre os relacionamentos conjugais, são filhos de Deus, e tratá-los como tal irá apenas melhorar o relacionamento.

Muitas idéias que se aplicam ao marido também se aplicam à mulher. Assim como o marido precisa arranjar tempo para a esposa, esta também necessita encontrar tempo para o marido. Algumas mulheres passam a maior parte de seu tempo trabalhando, cuidando dos filhos ou limpando a casa. Quando as crianças vão para a cama, à noite, e os pais têm alguns momentos longe delas, as mulheres muitas vezes preferem fazer algo "relaxante", — como assistir a televisão, tricotar, ler um livro, conversar ao telefone — ao invés de passar esse tempo com o marido. Se o marido deseja estar com elas, geralmente se mostram cansadas ou emocionalmente fora de seu alcance. Os homens não apreciam ou entendem tal atitude. Se as atividades do dia realmente são tão cansativas, que a mulher tem pouco tempo ou energia para desenvolver seu relacionamento com o marido, ela ou o casal devem examinar juntos sua vida, cuidadosamente, a fim de decidirem que coisas deverão ser deixadas de lado em favor do mais importante relacionamento de toda a sua existência.

Os homens também apreciam o afeto. Em alguns aspectos, quando se trata de afeição, os homens podem ser tão românticos quanto as mulheres. O marido gosta de abraçar a esposa, ou de beijá-la antes de sair para o trabalho. Isto não é necessariamente um ato sexual, mas uma expressão romântica do amor que lhe tem. Se tais expressões de afeto são continuamente barradas com um "agora não", ele pode achar que a esposa é indiferente ao amor que compartilham. Essas demonstrações de afeto são para o marido o mesmo que as palavras de agradecimento e as pequenas ajudas para a mulher. A mulher que as rejeita, está dizendo ao marido que realmente não se importa com ele. Por outro lado, parar para um rápido abraço — ou melhor ainda, tomar a iniciativa do gesto de carinho, contribui muito para aprofundar o amor do casal.

Quando se trata de sexualidade, algumas esposas ficam muito preocupadas com os seus "direitos", freqüentemente falando sobre o seu "direito" de dizer sim ou não. Mas o casamento é também um relacionamento de responsabilidades e oportunidades. No matrimônio, os cônjuges têm a oportunidade de dar. Creio que poucas esposas percebem o poder que têm de conservar o marido perto de si física, emocional e até espiritualmente. Por outro lado, também acredito que poucas mulheres percebem o grau de frustração e alienação que o marido sente, quando uma esposa ignora suas necessidades e interesses. Creio que um Pai Celestial sábio e amoroso deu à esposa a capacidade de atingir unicidade com o marido. (Ver Gênesis 2:24.) A chave é o altruísmo. Quando ela procura atender às necessidades do marido, o casamento melhora.

O Élder Parley P. Pratt observou certa vez: "Nossas afeições são plantadas em nós pelo Espírito de Deus, com um sábio propósito; e elas são a força motivadora da vida e da felicidade; são o cimento de toda sociedade virtuosa e celestial.

O fato é que Deus fez o homem, macho e fêmea; e plantou em seu peito as afeições calculadas para propiciar-lhes felicidade e união." (Parker Pratt Robison, ed., *Writings of Parley Parker Pratt*, Salt Lake City: Deseret News Press, 1952, pp. 52-53.) Quando marido e mulher aprendem a se entregar livremente, e a compreender as necessidades e desejos reais um do outro, essas afeições naturais crescem até que, realmente, "propiciam felicidade e união". □

SERVIÇO COMUNITÁRIO

ESTENDER A MÃO ALÉM DE NOSSO CÍRCULO

Jan Underwood Pinborough
Editor Associado

"Você é cristão?" era o título de um anúncio solicitando voluntários para servir na comunidade, que atraiu a atenção de Roger Freeman. O Irmão Freeman é um membro fiel da Igreja, professor da Escola Dominical, mestre familiar e pai de nove filhos. Certamente ninguém o acusaria de não servir seus semelhantes da maneira cristã. Entretanto, a pergunta o preocupou.

O Irmão Freeman entrou em contato com a repartição de serviços da comunidade que colocara o anúncio, e perguntou-lhes como poderia ajudar. A repartição apresentou-lhe os nomes de várias pessoas idosas que necessitavam de alguém que se encarregasse de algumas tarefas em sua casa.

Desde aquele dia, muitos anos atrás, o Irmão Freeman vem cortando grama, consertando mobílias, limpando quintais e fazendo muitas outras coisas em vários bairros mais antigos da cidade, geralmente levando consigo alguns de seus filhos para ajudar. De poucos em poucos meses, ele telefona para a agência pedindo mais nomes. Às vezes chora, vendo pessoas extremamente pobres e tão solitárias. Ocasionalmente, torna-se amigo de uma pessoa a quem ajuda e mantém algum contato pessoal. Ele gostaria de poder fazer mais.



Onde encontra tempo para ir além de seu círculo familiar e de amigos da Igreja? "Não toma muito tempo", diz o Irmão Freeman. E o que o motiva? Ele explica: "É, em grande parte, uma questão de me estender para além de minhas próprias necessidades. Às vezes penso no Salvador caminhando pelas estradas poeirentas que percorreu. Ele tinha consciência das necessidades das pessoas."

Servir os que nos cercam não é simplesmente algo acrescentado ao evangelho. Na verdade, o Senhor compara o servir ao próximo com o servir a ele. (Ver Mosiah 2:17.) O Irmão Lowell Bennion, que dirige a repartição de serviços à comunidade em Lago Salgado, com a qual o Irmão Freeman entrou em contato, sente que os santos não deveriam ir à Igreja para se sentirem satisfeitos, mas para "serem motivados a sair dali e servir seus semelhantes necessitados".

O Rei Benjamim também ensinou que ajudar o próximo é uma responsabilidade primordial daqueles que foram convertidos ao evangelho de Cristo. A pessoas que haviam acabado de passar por uma conversão disse ele:

"E agora, por...querer reter a remissão de vossos pecados de dia para dia, para que possais andar sem culpa diante de Deus, quisera que désseis de vossos bens aos



Pinturas de James J. Tissot

pobres, cada um de acordo com o que possui, assim alimentando o faminto, vestindo o despido, visitando o doente e aliviando seu sofrimento, tanto espiritual como corporal, conforme suas necessidades.'' (Mosiah 4:26.)

Não devemos limitar nossa ajuda àqueles que pertencem a nossa fé, pois as necessidades humanas — e não a filiação à Igreja — definem nossa responsabilidade para com o próximo. Ao invés de torturar-nos a respeito das necessidades humanas em geral, o Senhor nos pede que façamos algo definido para auxiliar os que nos cercam. Eis algumas histórias sobre santos dos últimos dias que estão fazendo exatamente isso.

Santos de Haarlem Ajudam a Polônia

Às vezes, a ajuda aos necessitados requer que ultrapassemos as fronteiras políticas. A Holanda goza de um padrão de vida relativamente confortável. Mas a várias centenas de quilômetros, na Polônia, muita gente não tem o mesmo padrão de vida ou as mesmas bênçãos.

O Irmão e Irmã C. R. Kirschbaum, da Ala de Haarlem, Estaca de Hague Netherlands, perceberam que, sozinhos, pouco poderiam fazer para aliviar o sofrimento de uma nação inteira, a menos que se unissem a outras pessoas. Então, ajudaram a formar uma fundação chamada Holanda Ajuda Polônia. A fundação atravessou fronteiras religiosas, incluindo membros de dezenove denominações religiosas diferentes.

Membros da Ala de Haarlem trabalharam com membros de outras igrejas, recolhendo víveres, roupas, sapatos, cobertores, vitaminas, sabão e medicamentos. Levando sacos plásticos e listas dos suprimentos necessários, os voluntários bateram de porta em porta. O dinheiro doado foi usado para comprar óleo, manteiga, comida para bebês e vitaminas a preços baixos. Os hospitais ofereceram equipamento cirúrgico caro. Caminhões grátis foram oferecidos juntamente com dois motoristas. ''Ajuda chegou de todas as direções, de um modo verdadeiramente miraculoso'', diz a Irmã Kirschbaum.

Os voluntários separaram, empacotaram e embarcaram os suprimentos. Após um breve serviço religioso, o carregamento de oitenta e três mil dólares pôs-se a caminho. A ajuda foi para metodistas e batistas, um asilo de velhos, um orfanato e um hospital de crianças.

A Irmã Kirschbaum observa que esse esforço conjunto criou e fortaleceu amizades entre pessoas de diferentes credos, em Haarlem. ''Foi como se todas as paredes que geralmente dividem as pessoas, houvessem desaparecido'', diz ela. Num serviço religioso realizado após o retorno seguro dos veículos, um ministro batista citou o Novo Testamento: ''Porque (o Senhor derribou) a parede de separação que estava no meio.'' (Efésios 2:14.)

Muitos dos problemas de nosso mundo podem ser mais eficazmente resolvidos da mesma forma — vizinho ajudando vizinho, projetando-se além do círculo familiar e dos membros da Igreja.



Irmã Kirschbaum, a quarta a partir da direita, ajuda a separar e empacotar suprimentos.

Pinturas de James J. Tissot

O Poder de uma Única Voz

As necessidades espirituais nem sempre são tão óbvias quanto as físicas, mas são igualmente urgentes. A pornografia e as idéias anti-religiosas são pragas espirituais que afligem muitos, incluindo os jovens. Com freqüência os pais e outros não têm possibilidade de deter a erosão de valores morais na sociedade moderna. Mas a Irmã Gerda Jensen, de Aalborg, Dinamarca, sabe que uma única voz positiva pode ter muita influência.

Em Aalborg, recentemente, foi proposta a aprovação de um livro escolar que tratava do homossexualismo de forma explícita e aprovadora. Afortunadamente, a Irmã Jensen era membro de um conselho de pais, da escola, grupo esse que vota a respeito de novos livros escolares. A Irmã Jensen conseguiu falar convincentemente contra o livro.

"Mobilizei todas as minha forças e orei para conseguir expressar-me bem", recorda a Irmã Jensen. O



diretor e os professores da escola falaram todos a favor do livro. Mas depois que Irmã Jensen exprimiu suas idéias, os pais, unânimes, juntaram suas vozes à dela e o rejeitaram.

A influência da Irmã Jensen nem sempre fora tão persuasiva no conselho. Durante a primeira reunião a que compareceu, depois de eleita, outro membro levantou-se e anunciou enfaticamente, que "a escola não toleraria qualquer pessoa que distribuísse propaganda religiosa na escola".

Mas os valores positivos da Irmã Jensen conquistaram pouco a pouco o respeito de várias pessoas do grupo. Foi-lhe dada a responsabilidade de publicar a revista da escola e de dirigir o grupo recreativo. Ela também foi oradora na formatura da escola. "Usei exclusivamente histórias e idéias dos manuais e discursos da Igreja", lembra-se ela. "Quando terminei fui elogiada por professores que mal conhecia." Foi-lhe solicitado que falasse nos três anos seguintes.

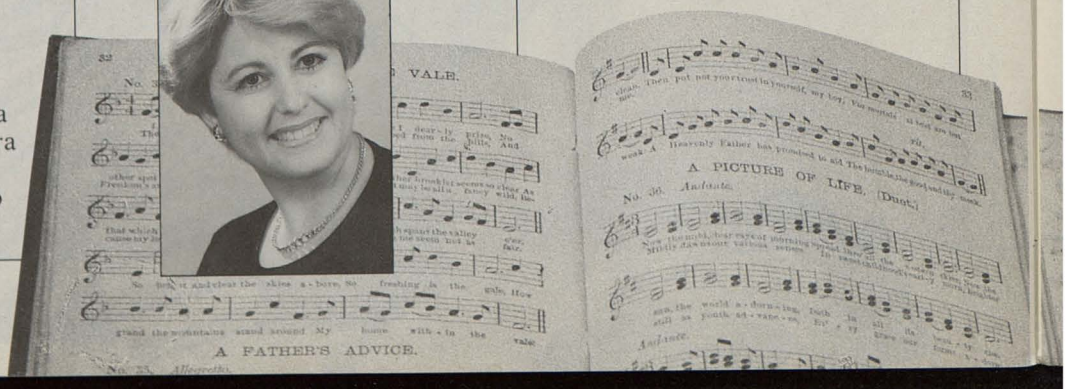
Naturalmente, nem todas as batalhas foram vencidas. Alguns livros escolares que a Irmã Jensen achava impróprios, foram aprovados. Mas, erguendo a voz em defesa de valores positivos, ela ajudou a criar um ambiente melhor para as crianças da escola de Aalborg.

Cantos de Amor

Como presidente da Sociedade de Socorro do Distrito de Setubal, Portugal, a Irmã Teresa Pinto levou a sério a idéia de que, quando servimos aos outros, servimos ao próprio Senhor. (Ver Mosiah 2:17; Mateus 25:44-45.) Ela se pôs a procurar um projeto de serviço, e seu coração voltou-se para os solitários de sua comunidade, aqueles que raramente riem. E começou a formular um plano para edificar o coração de algumas dessas pessoas, especialmente das que viviam em instituições.

Os membros dos ramos de Almada I, Costa da Caparica e Setubal ficaram entusiasmados com o plano. Durante várias semanas, os jovens e as irmãs da Sociedade de Socorro desses três ramos reuniram-se todas as noites para ensaiar canções folclóricas, danças, peças teatrais curtas e declamação de poesias.





A primeira apresentação do grupo foi para cinqüenta pessoas idosas, de um asilo local. O grupo tentou demonstrar sua alegria em viver o evangelho, com sua apresentação entusiástica. Quando o espetáculo chegou ao final, havia lágrimas nos olhos de muitos espectadores. E o grupo sentiu a felicidade de repartir seu amor e amizade com os necessitados. "Não trocaria aquela noite por nada deste mundo", disse uma jovem.

A alegria de ir além de seu próprio círculo, em busca das pessoas necessitadas, contagiou o Distrito de Setubal. Um segundo projeto está sendo preparado com a adesão de outros ramos. Preparam agora um "show" para um orfanato.

Compreender Nossos Semelhantes

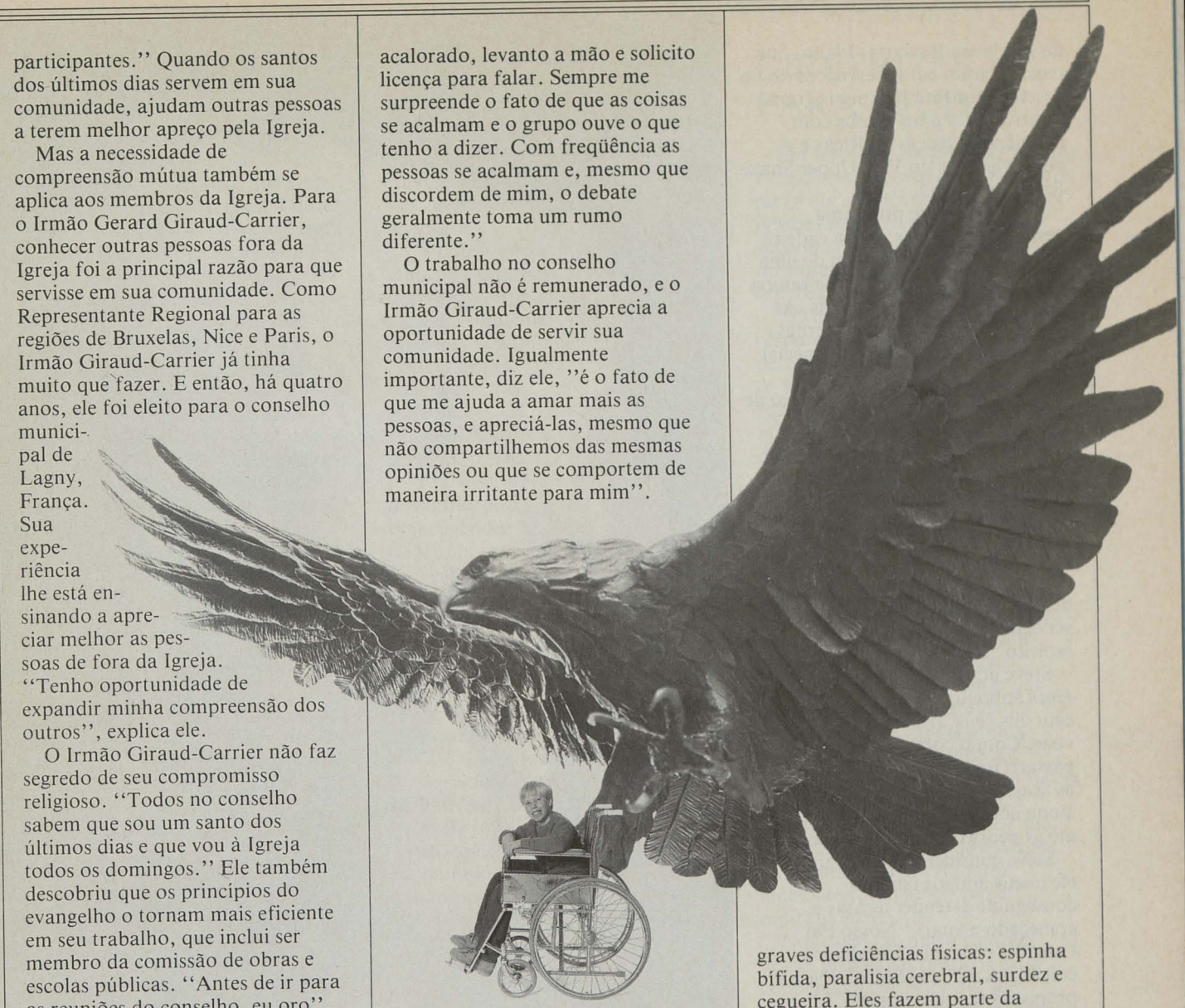
Em alguns países europeus, a Igreja tem sido identificada negativamente como "seita" ou grupo religioso extremista. Esse rótulo tem atrapalhado os missionários e membros da Igreja. Contudo, as opiniões negativas sobre a Igreja em geral vêm de pessoas que realmente não conhecem *nenhum* santo dos últimos dias, diz o Irmão Alain Marie, diretor de Comunicações Públicas da Europa Oriental. "Aqueles que nos conhecem, nos admiram pelo que somos e por vivermos como cristãos

participantes.'' Quando os santos dos últimos dias servem em sua comunidade, ajudam outras pessoas a terem melhor apreço pela Igreja.

Mas a necessidade de compreensão mútua também se aplica aos membros da Igreja. Para o Irmão Gerard Giraud-Carrier, conhecer outras pessoas fora da Igreja foi a principal razão para que servisse em sua comunidade. Como Representante Regional para as regiões de Bruxelas, Nice e Paris, o Irmão Giraud-Carrier já tinha muito que fazer. E então, há quatro anos, ele foi eleito para o conselho municipal de Lagny, França. Sua experiência lhe está ensinando a apreciar melhor as pessoas de fora da Igreja. ''Tenho oportunidade de expandir minha compreensão dos outros'', explica ele.

O Irmão Giraud-Carrier não faz segredo de seu compromisso religioso. ''Todos no conselho sabem que sou um santo dos últimos dias e que vou à Igreja todos os domingos.'' Ele também descobriu que os princípios do evangelho o tornam mais eficiente em seu trabalho, que inclui ser membro da comissão de obras e escolas públicas. ''Antes de ir para as reuniões do conselho, eu oro'', explica ele. ''Quando sinto que devo interferir num debate acalorado, levanto a mão e solicito licença para falar. Sempre me surpreende o fato de que as coisas se acalmam e o grupo ouve o que tenho a dizer. Com freqüência as pessoas se acalmam e, mesmo que discordem de mim, o debate geralmente toma um rumo diferente.''

O trabalho no conselho municipal não é remunerado, e o Irmão Giraud-Carrier aprecia a oportunidade de servir sua comunidade. Igualmente importante, diz ele, ''é o fato de que me ajuda a amar mais as pessoas, e apreciá-las, mesmo que não compartilhemos das mesmas opiniões ou que se comportem de maneira irritante para mim''.





Fortalecendo as Coisas Fracas

Um jovem cai de seu trenó num monte de neve. Os amigos correm para ajudá-lo. Sacudindo os braços e as pernas cheios de neve, ele ri: ''Não, não, eu gosto da neve!'' Ele faz parte de um grupo de jovens entusiastas, de Rexburg, Idaho, que se reúnem para atividades ao ar livre na neve, nas montanhas, nos rios, nas praias.

Mas esse não é um grupo comum. A maioria de seus membros sofre de graves deficiências físicas: espinha bífida, paralisia cerebral, surdez e cegueira. Eles fazem parte da Associação Cooperativa Ricks de Deficientes Físicos para Atividades ao Ar Livre, programa iniciado em 1984, pelo Irmão Steve Anderson.

Steve conhece, por experiência própria, o que é enfrentar os desafios da deficiência física. Ele mesmo é uma vítima da paralisia cerebral. Depois de conquistar seu grau de mestrado em psicologia educacional, foi-lhe impossível convencer qualquer empregador a aceitá-lo como funcionário. Finalmente, conversou com dois de seus antigos professores do Ricks College, uma escola de propriedade

da Igreja em Rexburg, Idaho, que concordaram em supervisioná-lo no desenvolvimento de um programa de atividades para alunos com deficiências físicas do Ricks e de outros lugares do Vale Upper Snake River, em Idaho.

Por meio desse programa, pessoas confinadas a uma cadeira de rodas agora participam de uma liga de boliche, usando uma rampa feita especialmente para elas. As que têm uso limitado das pernas podem esquiar num esqui especial em que vão sentadas. "As deficiências não abafam o desejo de recreação", diz Steve. "Estamos ajudando as pessoas a vencerem a relutância de participar."

Os deficientes físicos têm alunos voluntários do Ricks College como acompanhantes em acampamentos, provas de canoagem e excursões de esquis. "Tanto os sadios quanto os deficientes prestam e recebem serviços, espírito encontrando espírito", diz Steve.

Steve adora a história dos índios *Hopi* sobre um grande pássaro que caiu dos céus, fraco demais para voar. Com o correr do tempo, o pássaro foi reunindo forças, esticou as asas, e um dia começou a voar. Voou com tanta beleza e graça, que até as pedras choraram de alegria.

Steve considera um milagre que ele e seus amigos tenham conseguido estender as asas e começado a voar. "Nosso Pai Celestial prometeu fortalecer as coisas fracas", diz Steve. "Nessa promessa repousa nossa esperança."

Impulso de Ajudar

Certo dia, a Irmã Maria Willems, do Distrito de Antuérpia, Bélgica, leu a respeito de um curso para ajudar os idosos. Ela fora batizada na Igreja vários anos antes e pensava muito no serviço de solidariedade, ensinado na Sociedade de Socorro. Sua bênção patriarcal também salientara a importância desse tipo de serviço.

Ela seguiu seu impulso e fez o curso. Desde aí, tem-se envolvido



ativamente com pessoas idosas de sua vizinhança. Cuida delas, limpa suas casas e ocasionalmente cozinha para elas e faz-lhes as compras. Terminado o trabalho, senta-se para conversar com elas. Sua meta principal é torná-las felizes. Tenta não "bancar" a mãe, mas mostrar respeito pela sua experiência de vida. "Com as pessoas idosas pode-se conversar sobre coisas que não se pode discutir com ninguém mais", diz a Irmã Willems. Ela se considera abençoada por poder conviver com elas.

Esse tipo de serviço tem seus momentos tristes. "Quando uma amiga de quem você cuidou, e com quem se importa, morre, sempre deixa um vazio. Quando se aprende a amar as pessoas é difícil dizer adeus."

Recentemente, ao estudar um manual de enfermagem, a Irmã Willems encontrou alguns exemplos da linguagem de sinais. A primeira frase que aprendeu foi "Amo você". Compreendeu que aprendendo a linguagem dos sinais poderia ajudar uma mulher que morava perto e o irmão dela, ambos com grave deficiência de audição. Quando terminar o curso, espera auxiliar muita gente com problemas auditivos.

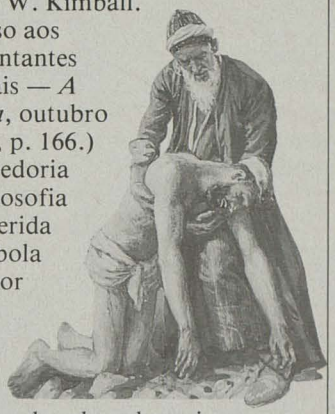
A Irmã Willems sente-se grata à Igreja por ajudá-la a ver todas as oportunidades de serviço de solidariedade ao seu redor.

"Por Que a Igreja Não Faz Mais?"

Ocasionalmente como em 1985, quando nos unimos num jejum para levantar fundos a fim de minorar a fome na África, a Igreja responde a problemas mundiais. Mas muita gente pergunta por que a Igreja, com seus grandes recursos humanos, não o faz com mais freqüência.

Em primeiro lugar, a Igreja usa seus recursos para cumprir sua missão fundamental. Esta missão foi definida como sendo tríplice: 1) pregar o evangelho, 2) redimir os mortos, e 3) aperfeiçoar os santos. Com missionários para treinar, templos para construir, e um número cada vez maior de conversos para ensinar, a Igreja deixou a responsabilidade da solução de muitos problemas de nossas comunidades para nós, membros.

"Cremos que agir de outra maneira, ...faria com que ela se desviasse de sua missão básica", disse o Presidente Spencer W. Kimball. (Discurso aos Representantes Regionais — *A Liahona*, outubro de 1978, p. 166.)



A sabedoria dessa filosofia está sugerida na parábola do Senhor sobre o Bom Samaritano: o homem abandonado meio morto, no caminho de Jericó, tinha necessidades imediatas. O auxílio de que ele necessitava poderia ser dispensado por organização caritativa ou uma instituição social? Não; ele precisava de auxílio imediato de alguém que se encontrasse por perto — do tipo que só poderia ser prestado por uma pessoa que estivesse passando pela mesma estrada. Quem lhe salvou a vida foi um samaritano solitário, disposto a ajudar independentemente das diferenças religiosas. (Ver Lucas 10:30-36.) Explicitando a lição da parábola para seus discípulos, o Senhor ordenou: "Vai, e faze da mesma maneira." (Lucas 10:37.)

Muitos problemas de nosso mundo podem ser mais eficazmente resolvidos da mesma forma — por vizinho ajudando vizinho, projetando-se além do círculo familiar e dos membros da Igreja. Até os grandes problemas podem ser diminuídos, quando aqueles que seguem Cristo olham ao seu redor e, percebendo os necessitados, se dispõem a ajudar.

DIRETRIZES PARA AJUDAR

Em setembro de 1968, a Primeira Presidência incentivou os membros da Igreja a procurarem auxiliar as pessoas necessitadas, e também sugeriu algumas precauções. Isto se tornou uma declaração clássica sobre o assunto de ajuda comunitária:

"O crescimento mundial das responsabilidades da Igreja torna desaconselhável sua reação a todos os vários e complexos comunicados relativos aos problemas atuais das muitas cidades e comunidades nas quais vivem os membros. Mas essa complexidade não desobriga os membros, como indivíduos, de cumprirem suas responsabilidades como cidadãos em sua própria comunidade.

Exortamos nossos membros a que cumpram seus deveres cívicos e assumam suas posições como cidadãos, objetivando buscar soluções para os problemas que ameaçam nossas comunidades.

Considerando nossa ampla missão, que envolve toda a humanidade, os membros da Igreja não podem ignorar os muitos problemas de ordem prática que requerem solução, se desejarmos que nossa família viva num ambiente compatível com a espiritualidade.

Nos casos em que a solução desses problemas práticos exija cooperação daqueles que não pertencem à nossa fé, os membros não devem hesitar em fazer sua parte, unindo-se e liderando os esforços onde quer que possam fazer uma contribuição individual às causas que estejam de acordo com os padrões da Igreja.

Os membros da Igreja não podem, é claro, representar ou comprometer a Igreja, mas devem "...se ocupar zelosamente numa boa causa... (D&C 58:27), valendo-se dos princípios do Evangelho de Jesus Cristo, como seu guia constante".

("Viver o Evangelho no Lar", *A Liahona*, outubro de 1978, p. 165.)

COISAS QUE NÃO SÃO

Don Lind

Há muitos anos, um grande apóstolo pioneiro, Heber C. Kimball, afirmou: "A fim de enfrentarmos as dificuldades que o futuro nos trará, será necessário que tenhais um conhecimento próprio da verdade da obra ...Se não o tiverdes, não permanecereis. Chegará o tempo em que nenhum homem ou mulher conseguirá perseverar com luz emprestada. Cada um terá que ser guiado por sua luz interior." (Em Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1945, p. 450.)

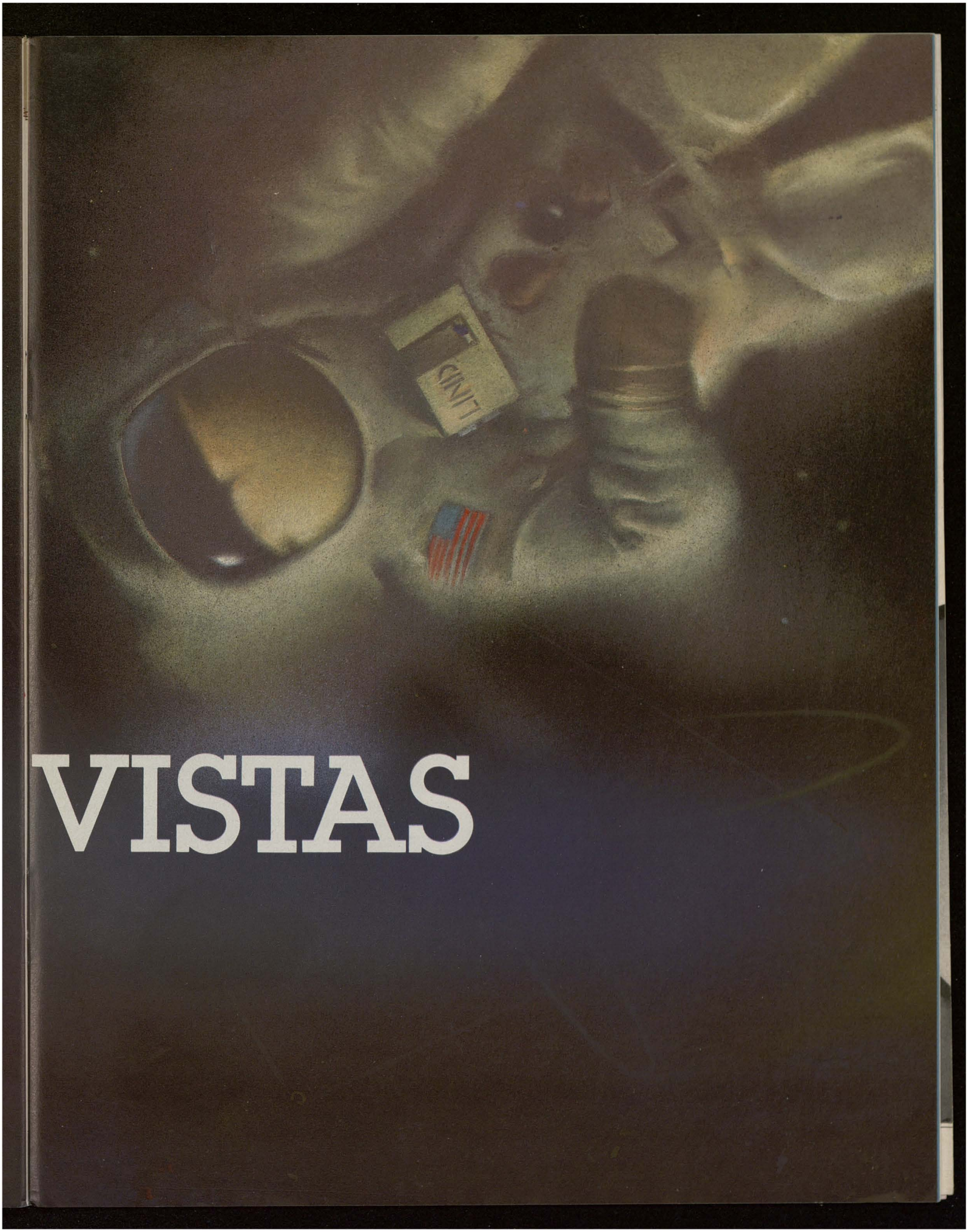
Comecei a avaliar meu testemunho no fim da adolescência, por ocasião de minha matrícula na Universidade de Utah, como estudante de ciências. Não desejava acreditar no evangelho apenas porque meu pai e minha mãe diziam que era verdadeiro. Queria sabê-lo por mim mesmo. Necessitava de minha própria luz. Não me dispus a desafiar o evangelho, mas a descobrir sua veracidade por mim mesmo.

Estudava ciências na universidade, e ouvira pessoas afirmarem que ciência e religião são incompatíveis, que uma pessoa culta não pode ter um testemunho do evangelho. Mas descobri que isso não é verdade. Como um jovem que procurava obter seu próprio testemunho, e também como aspirante a cientista, fiquei maravilhado ao verificar com que facilidade ciência e religião se harmonizam. Gostaria de mostrar-lhes vários pontos que confirmam sua compatibilidade.

A Verdade Religiosa e o "Método Científico"

Algumas pessoas afirmam que a ciência trata apenas de quantidades tangíveis, observáveis: podemos medi-las em balanças, ou lê-las em amperímetros, ou contá-las eletronicamente. Esses críticos acusam a religião de ser menos confiável, porque ocupa-se com fé e revelação, as quais não podem ser tocadas ou medidas. Mas

Como um jovem que procurava obter seu próprio testemunho, e também como aspirante a cientista, fiquei maravilhado ao verificar com que facilidade ciência e religião se harmonizam.


VISTAS

essa distinção não é realmente correta.

Por exemplo, escrevi minha tese, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, sobre interações pion-núcleon. Nunca vi um pion ou um núcleon. Não poderia tocá-los. Entretanto, publiquei um artigo científico sobre eles.

Aprendemos a respeito de indutância ou linhas de campo magnético ou capacidade. Alguém já viu ou tocou indutância, campo magnético ou capacidade? Não, apenas podemos medir seus efeitos. Assim, os cientistas também lidam, às vezes, com coisas intangíveis, e o fazem sem qualquer constrangimento intelectual.

O método científico da descoberta da verdade é esquecer os próprios preconceitos e tomar decisões em termos dos dados disponíveis. Este método também se aplica ao conhecimento do evangelho. O Senhor nos dá vários exemplos do uso desse método. A respeito do dízimo, diz ele: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, ...e depois fazei prova de mim... se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Malaquias 3:10.) Isto é uma experiência. Muitas pessoas testificaram que fizeram essa experiência, e que dá resultado.

Alma também diz: "Pondo à prova minhas palavras." (Alma 32:27.) Depois compara a palavra a uma semente que, sendo aguada e nutrida com fé, permitirá que saibamos se a mensagem é boa.

O Salvador nos deu outro exemplo. Disse que, se desejarmos saber se sua doutrina é verdadeira e vem do Pai, precisamos "fazer a vontade dele". Depois, prometeu: "Conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:17.) Isto é semelhante ao método científico: simplesmente julgar com base nos dados existentes.

Ciência e Fé

Alguns dizem que ciência não tem nada a ver com a fé. Mas, obviamente, isto não é verdade. No século dezessete, o astrônomo italiano Galileu inventou o telescópio, o que lhe permitiu ver o céu muito além do que jamais havia sido visto antes. Ele observou que a lua não era uma esfera lisa, brilhando com sua própria luz. Pelo contrário, tinha montanhas e vales, e sua luz era refletida. Galileu concordou com a teoria de Copérnico de que a terra se move ao redor do sol, ao invés de ser o centro do universo, com tudo o mais girando em torno dela.

Como tais observações não concordavam com os ensinamentos de Aristóteles e da Igreja Católica, Galileu foi submetido a um longo julgamento e punido por suas crenças. Mas ele jamais perdeu a fé em sua descoberta. A confiança que tinha em suas descobertas era muito semelhante ao que chamamos de fé.

Peças de um Quebra-cabeças

Naturalmente, ciência e religião não se acham em perfeita harmonia. Existem algumas discordâncias sobre a evolução, por exemplo. Gênesis, o Livro de Moisés e o Livro de Abraão, nos dizem que Deus criou o mundo, que tinha um propósito ao fazê-lo, e que o homem é muito importante dentro desse propósito. Mas essas escrituras não constituem um manual de como Deus criou os mundos. Elas apenas afirmam que ele o fez. Algum dia ele fará com que saibamos como o fez. A ciência elabora teorias sobre o como, mas não há necessidade de conflito, quando nos lembramos do que o Senhor nos disse e do que não revelou.

Tenho fé em que, no devido tempo, o Senhor cumprirá todas as profecias e predições que fez, e que essas coisas se realizarão exatamente como ele nos disse. Na verdade, se tivermos olhos para ver, já vimos vários desses cumprimentos ocorrendo em nossos dias.

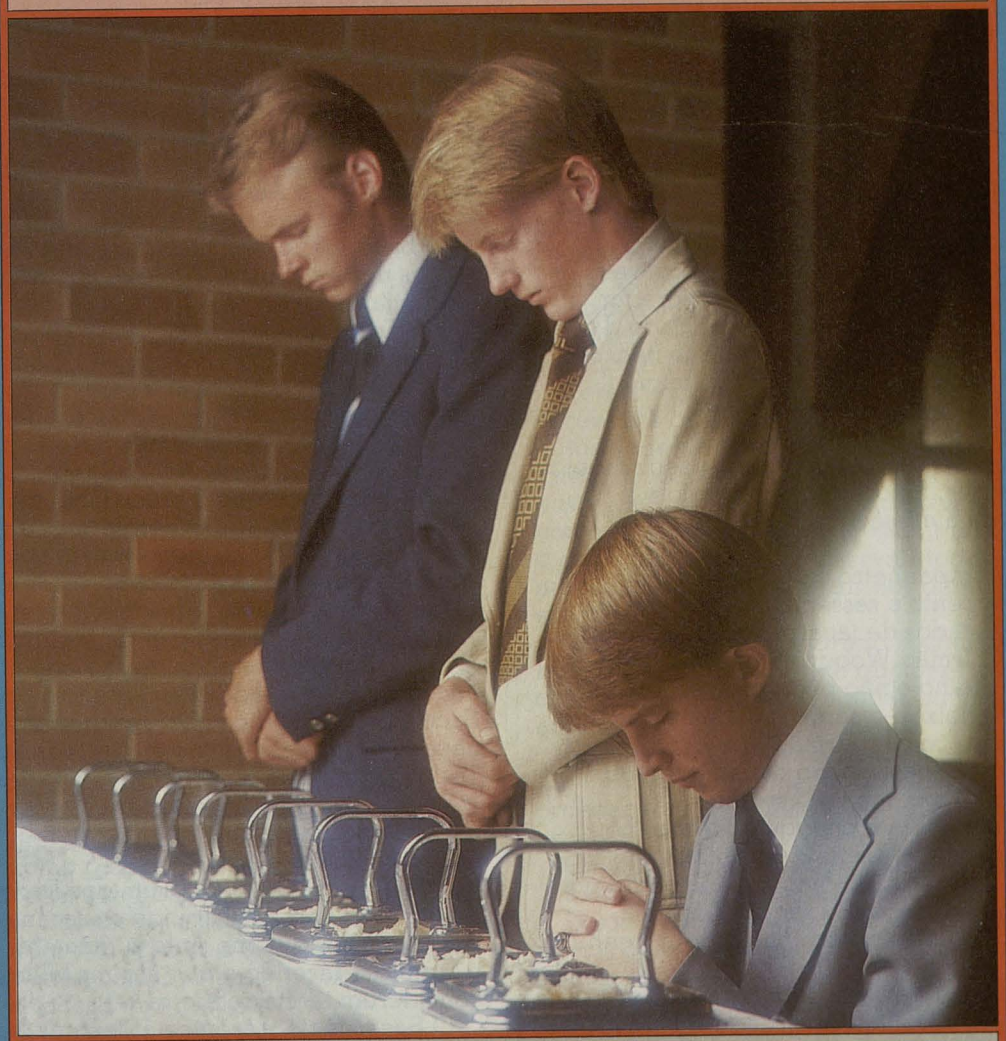
Quando era criança, minha família sempre formava um grande quebra-cabeças no Natal, um jogo que levava uma semana para ser terminado, com milhares de pequenas peças que pareciam todas iguais. Cada peça se encaixava em apenas um lugar, e podíamos terminar o quadro somente colocando cada uma delas corretamente. Quando o Senhor permitir que os cientistas descubram todas as suas peças, e achar apropriado revelar a dele, o "quadro" daquilo que os cientistas montaram, e o "quadro" daquilo que Deus fez, serão idênticos.

É dessa forma que considero o plano do Senhor. Precisamos parar de nos preocupar com cada pequenina peça, e procurar montar o quadro todo, tendo em mente o resultado final. O Senhor sabe onde entra cada peça e como se encaixa em seu plano. Cada um de nós deve ajudar, colocando-se a si mesmo, peça intrincada e importante do quebra-cabeças, no seu devido lugar. □

Kathleen Maughn Lind, Don Lind, Mormon Astronaut *(Salt Lake City: Deseret Book Co., 1985), pp. 15-26. Usado com permissão.*

SACERDÓCIO AARÔNICO

Élder Boyd K. Packer do Quorum dos Doze



Quero falar-vos a respeito do poder invisível do Sacerdócio Aarônico. Um rapaz de doze anos tem idade suficiente para conhecê-lo. À medida que fordes crescendo, familiarizar-vos-eis com esse poder protetor, orientador.

Alguns acham que um poder invisível não pode ser real. Penso que conseguirei convencer-vos do contrário.

Certamente vos lembrais ainda de quando, tolamente, enfiastes o dedo numa tomada. Embora não pudésseis ver exatamente o que aconteceu, sem dúvida sentistes o efeito!

Ninguém ainda conseguiu ver a eletricidade, nem mesmo os cientistas com os mais avançados instrumentos. Não obstante, eles a sentem como vós a sentistes. E podemos ver seus efeitos, medi-la, controlá-la, produzir com ela luz e calor, e força. Ninguém jamais duvidou dela, simplesmente por não poder enxergá-la.

Embora não seja possível ver o poder do sacerdócio, podeis sentir e observar seus efeitos. O sacerdócio pode ser uma força protetora e orientadora em vossa vida. Permiti-me exemplificar.

Depois de filiar-se à Igreja, o Presidente Wilford Woodruff desejava cumprir missão.

"Eu não passava de um mestre", escreveu, "e não cabe ao ofício de mestre viajar e pregar. Não ousava contar a nenhuma autoridade da Igreja que eu queria pregar, para que não pensassem que estava buscando um ofício." (*Leaves from My Journal*, Salt Lake City: Juvenile Instructor Office, 1882, p. 8.)

Ele orou ao Senhor e, sem revelar seus desejos a outras pessoas, foi ordenado sacerdote e mandado para a missão do Território de Arkansas.

Ele e seu companheiro caminharam penosamente cento e sessenta quilômetros por pântanos infestados de jacarés, sujos, molhados e exaustos. O Irmão Woodruff foi acometido de forte dor no joelho e não pôde prosseguir. O companheiro deixou-o sentado num tronco caído e foi para casa. O Irmão Woodruff orou suplicando ajuda, ajoelhado na lama. Ficou curado e continuou a missão sozinho.

Três dias mais tarde, chegou a Mênfis, no Tennessee, cansado, faminto e muito sujo. Dirigiu-se à maior das estalagens e lá pediu um pouco de alimento e um lugar para dormir, embora não tivesse dinheiro para pagar nenhum dos dois.

Quando o estalajadeiro descobriu que era um pregador, riu e resolveu divertir-se um pouco às custas dele. Ofereceu-lhe uma refeição, se pregasse aos seus amigos.

Um grande grupo de pessoas ricas e importantes de Mêmfis reuniu-se e achou muita graça naquele missionário coberto de lama.

Como ninguém queria cantar nem orar, o Irmão Woodruff fez as duas coisas. Ajoelhando-se diante deles, implorou ao Senhor que lhe concedesse o seu Espírito para tocar o coração daquela gente. E o Espírito veio! O Irmão Woodruff pregou com muita eloqüência e foi capaz de revelar os atos secretos daqueles que ali estavam para ridicularizá-lo.

Quando terminou, ninguém se riu do humilde portador do Sacerdócio Aarônico. Dali em diante, foi tratado com bondade. (*Leaves from My Journal*, pp. 16-18.)

Ele se encontrava sob o poder protetor e orientador do Sacerdócio Aarônico, o mesmo poder que pode estar convosco também.

Gostaria de explicar-vos algumas coisas fundamentais sobre o Sacerdócio Aarônico.

É chamado de "Sacerdócio de Aarão, porque foi conferido a Aarão e a sua semente através de todas as suas gerações". (D&C 107:13.)

O Sacerdócio Aarônico é conhecido ainda por outros nomes. Vou citar e explicar-vos o que significam.

Em primeiro lugar o Sacerdócio Aarônico é chamado às vezes de sacerdócio menor.

"Chama-se sacerdócio menor, porque é um apêndice do maior, que é o Sacerdócio de Melquisedeque, e tem poder para administrar ordenanças exteriores." (D&C 107:14.)

Isto quer dizer que o sacerdócio maior ou Sacerdócio de Melquisedeque *sempre* preside o Sacerdócio Aarônico ou menor. Aarão era o sumo sacerdote ou sacerdote presidente do Sacerdócio Aarônico. Moisés, porém, presidia Aarão por ter o Sacerdócio de Melquisedeque.

O fato de ser chamado de sacerdócio menor não diminui em nada a importância do Sacerdócio Aarônico. O Senhor disse que ele é necessário ao sacerdócio maior (ver D&C 84:29). Todo portador do sacerdócio maior deve sentir-se honrado ao poder realizar as ordenanças do Sacerdócio Aarônico, pois são de muita importância espiritual.

Como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, tenho distribuído o sacramento. Asseguro-vos que me sinto sumamente honrado e humilde, fazendo o que alguns talvez considerem tarefa rotineira.

O Sacerdócio Aarônico é denominado de sacerdócio preparatório. Este, também, é um título apropriado, porque prepara os rapazes para portarem o sacerdócio maior, cumprirem missão e casarem-se no templo.

Penso ser bastante simbólico que João Batista, um sacerdote no Sacerdócio Aarônico, haja preparado o caminho para a vinda do Senhor nos tempos antigos. Ele veio igualmente para



restaurar o Sacerdócio Aarônico ao Profeta Joseph Smith e a Oliver Cowdery, preparando-os para o sacerdócio maior. O próprio Senhor disse que "não apareceu alguém maior do que João Batista" (Mateus 11:11).

Seria proveitoso observardes vossos pais e líderes estudarem como o Sacerdócio de Melquisedeque funciona. Estais-vos preparando para ser élderes, setentas, sumos sacerdotes e patriarcas, e para servir como missionários, líderes de quorum, líderes de estaca, nos bispados e como pais de família.

Alguns de vós que hoje sois diáconos, mestres e sacerdotes, um dia sereis apóstolos e profetas e presidireis a Igreja. *Precisais estar preparados.*

Na verdade, está certo chamar o Sacerdócio Aarônico de sacerdócio preparatório.

Permiti-me ensinar-vos alguns importantes princípios do sacerdócio. Ao receberdes o Sacerdócio Aarônico, recebereis todo ele. Há três tipos de autoridade relacionados ao vosso sacerdócio e que precisais entender.

Primeiro, existe o sacerdócio propriamente dito. A ordenação que recebeis traz consigo a autoridade para realizar as ordenanças e possuir o poder do Sacerdócio Aarônico.

Depois, no sacerdócio existem ofícios, cada qual com privilégios diferentes. Três deles — diácono, mestre e sacerdote — podem ser-vos conferidos ainda na adolescência. O quarto ofício — o de bispo — poderá ser vosso, quando fordes adultos e dignos de serdes igualmente um sumo sacerdote.

Aos diáconos, cabe zelar pela igreja como ministros permanentes. (Ver D&C 84:111; 20:57-59.) O quorum se compõe de doze diáconos. (Ver D&C 107:85.)

O mestre deve "zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los". (D&C 20:53.) O quorum dos mestres é formado de vinte e quatro membros. (Ver D&C 107:86.)

"O dever do sacerdote é pregar, ensinar, explicar, exortar, batizar e administrar o sacramento, e visitar a casa de cada membro." (D&C 20:46-47.) O quorum de sacerdotes tem quarenta e oito componentes. O bispo é o presidente do quorum dos sacerdotes. (Ver D&C 107:87-88.)

Tereis sempre um destes ofícios. Quando recebeis o ofício seguinte, conservais a autoridade do anterior. Por exemplo, ao vos tornardes sacerdotes, continuais tendo autoridade para executar tudo o que fazíeis como diácono e mestre. Mesmo quando recebeis o sacerdócio maior, conservais toda a autoridade e podereis agir nos ofícios do sacerdócio menor.

O falecido Élder LeGrand Richards, que foi bispo-presidente durante quatorze anos, costumava dizer, "Sou apenas um diácono adulto".

Não existe uma forma rígida de ordenação. Ela inclui o conferimento do sacerdócio, a ordenação a um ofício, além de uma bênção especial.

Os ofícios fazem parte do sacerdócio, mas este é maior que qualquer de seus ofícios.

O sacerdócio vos pertencerá para sempre, a menos que vós mesmos vos desqualifiqueis pela transgressão.

Quando somos ativos e fiéis, começamos a compreender o poder do sacerdócio.

Existe outra espécie de autoridade que recebereis ao serdes designado presidente de um quorum. Então recebereis as chaves de autoridade dessa presidência.

Recebeis o sacerdócio e o ofício que ocupais nele (diácono, mestre ou sacerdote) por ordenação. As chaves de presidência vós a recebeis por designação.



Quando vos tornais diáconos, vosso pai poderá, e geralmente deverá ordenar-vos ou sereis ordenados por outro portador do devido sacerdócio.

Se fordes chamados como presidente do quorum, vosso bispado vos designará. As chaves de presidência só podem ser dadas por quem as recebeu também.

A menos que vosso pai esteja no bispado, ele não possui essas chaves.

As chaves de presidência são temporárias. O sacerdócio e os ofícios, permanentes.

Uma coisa mais: Podeis receber o sacerdócio somente de alguém que tenha autoridade e "que a igreja saiba que tem autoridade". (D&C 42:11.)

O sacerdócio não pode ser concedido como um diploma, nem entregue como um certificado.

Não pode ser dado como uma mensagem, nem enviado por carta. Só é recebido pela devida ordenação. Um portador autorizado do sacerdócio precisa estar presente, colocar as mãos sobre vossa cabeça e ordenar-vos.

É por isso que as Autoridades Gerais viajam tanto — para transmitir as chaves de autoridade do sacerdócio. Todo presidente de estaca do mundo inteiro recebeu autoridade das mãos de um dos presidentes da Igreja. Jamais houve exceção.

Lembrai-vos dessas coisas. O sacerdócio é muito, muito precioso para o Senhor.

Ele é

"Moisés Chama Aarão ao Ministério", pintura de Harry Anderson

SEÇÃO INFANTIL



Ilustração de Parry Merkley

O GANSO DE FU BI HSIA

Vicki Blum

Fu Bi Hsia correu o último quarteirão que a levava para casa, numa pequena vila de Taiwan. O sol de agosto brilhava no céu azul, e a umidade do ar cobria-lhe o corpo como um quente e pesado cobertor. Para fugir do calor, ela atravessou o gramado morno, e correu ao longo do *benjo* (vala aberta), onde uma mulher de idade estava lavando suas roupas, batendo-as contra uma grande pedra.

Chegando em casa, Bi Hsia parou no jardim para procurar seu ganso, Goldie. Alguns dos porcos de sua mãe resfolegavam e rolavam na lama, o búfalo do pai estava deitado com metade do corpo no *benjo*, e um cachorro perdido mordiscou seu calcanhar. Mas nada de Goldie.

Goldie e todos os seus irmãos e irmãs haviam sido comprados no mercado, por ocasião do nono aniversário de Bi Hsia. Nos meses seguintes, todos foram usados como alimento, todos exceto Goldie. Bi Hsia ficou com Goldie como amiguinho. Eles davam longos passeios juntos, com o ganso grasnando pelos campos de arroz e ao longo de valas, Bi Hsia caminhando descalça nas poças d'água, e os dois perseguindo cachorrinhos que latiam por estreitas vielas. Ela dera um nome americano ao ganso, porque os Estados Unidos era um país tão grande e distante, e também porque acreditava que todas as pessoas que vinham de lá eram ricas e importantes. Goldie também era importante.

Bi Hsia atravessou o portão e subiu as escadas da casa. "Mamãe!" gritou.

A casa de dois cômodos era feita de concreto. No compartimento principal (a sala de estar e dormir), havia apenas algumas cadeiras, um aparelho de televisão e algumas esteiras de palha de arroz. Estas ficavam enroladas durante o dia e serviam de colchão à noite.

Bi Hsia encontrou a mãe na cozinha, mexendo um caldeirão de sopa de ovos. Ela deu uma cheirada dentro da panela e exclamou: — Que





Ilustração de Dick Brown

cheirinho bom!

A mãe empurrou-a com o cotovelo. — Saia daqui! Seu pai tem convidados para o jantar.

— Convidados? Quem são?

Ela enfiou rapidamente o dedo no caldo da sopa, enquanto os olhos da mãe procuravam mais ovos no armário.

— São élderes mórmons. Um é de Taipei, e o outro veio lá dos Estados Unidos. Ele vai ficar em Taiwan dois anos, para ensinar o povo a respeito de sua Igreja.

O dedo de Bi Hsia já estava na boca. Ela chupou o caldo da sopa, fazendo barulho. — Como papai os conheceu?

— No mercado, por acaso. E não ouse meter o dedo na sopa novamente, se não quiser apanhar!

Bi Hsia tirou rapidamente a mão. — Quando eles vão chegar?

— Daqui a pouco — respondeu a mãe. — Ponha seu melhor vestido. E faça Sun Ming lavar-se. Ele está todo sujo.

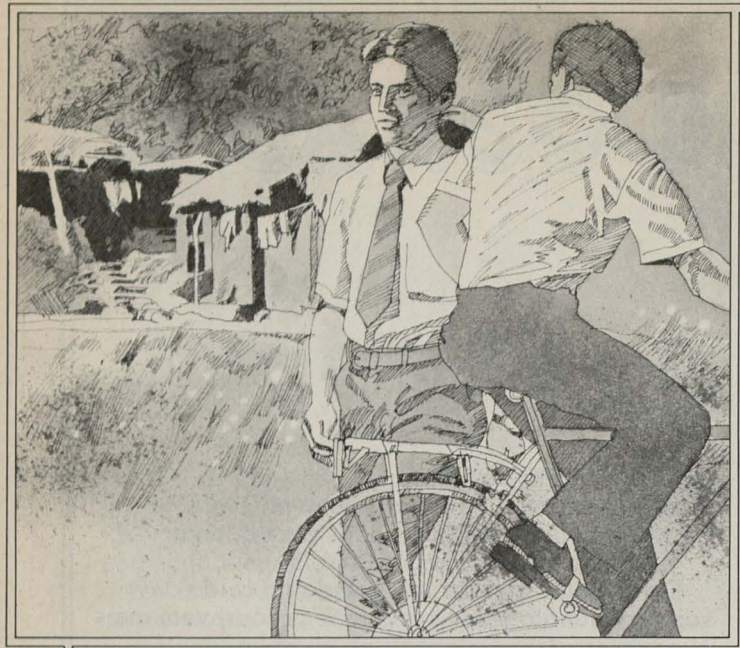
Os missionários chegaram num táxi. O pára-lama estava amassado e o barulho da descarga do motor era cada vez mais forte. Primeiro saltou o élder de Taipei. — Sou o Élder Lin, Lin De Fu — acrescentou, segundo o costume de dizer o sobrenome antes do nome. (Fu é o sobrenome de Fu Bi Hsia.) — Este é meu companheiro, o Élder Wheeler.

— *Ni hau ma* (Como vai)?

O Élder Wheeler adiantou-se e estendeu a mão ao pai de Bi Hsia. As palavras do americano soaram estranhas e afetadas, e seu rosto magro parecia duro e inexpressivo. O cabelo dele parecia palha amarela de arroz, e os olhos pálidos eram frios e distantes, como o país de onde viera. Bi Hsia sentiu a garganta fechar-se com apreensão.

O pai indagou sem rodeios. — *Ni tsung nali lai* (De onde você é)?

— Utah.



Era um nome estranho. Bi Hsia repetiu-o baixinho para si mesma, muitas e muitas vezes. *Iu ta. Iu ta.*

A mãe sorriu, dizendo em chinês: — É bem distante daqui.

O élder franziu as sobrancelhas, e estudou o rosto dela. — Desculpe. Não compreendo.

O Élder Lin colocou a mão no ombro do Élder Wheeler e disse-lhe algo em inglês, rapidamente demais para que Bi Hsia pudesse entender. O Élder Wheeler ouviu atentamente, depois riu de si mesmo. — Sim. É muito longe.

Os adultos dirigiram-se à cozinha. Bi Hsia sentou-se na escada, esperando que eles jantassem. Não era considerado educado servir as crianças junto com os convidados. Ela segurava Sun Ming no colo, ouvindo o murmúrio das vozes lá dentro, e pensando nos lugares distantes que não conhecia. Ficou imaginando se aquele élder chegaria a compreender os costumes de sua terra e a aceitar seu povo como era. Achava que não, pois, lá nos Estados Unidos, ninguém jamais precisara viver sem as coisas básicas da vida, já que o povo lá sempre tivera uma porção de coisas.

Bi Hsia estava refletindo, quando uma brisa noturna fez voar uma pena levinha no ar. Uma pena! Ela se levantou, pensou por um momento, depois colocou Sun Ming na grama, a seus pés. "Fique aqui sentadinho", disse-lhe com firmeza. "Não vou demorar."

Todas as penas de Goldie estavam ali, numa pequena pilha, no jardim. Bi Hsia percebeu que eles estavam comendo seu ganso no jantar. Não era apropriado reclamar. Sua família era muito pobre, e a mãe precisava de carne para servir aos convidados. O costume chinês era muito rígido a respeito de as crianças honrarem e obedecerem a seus pais. E o orgulho chinês era firme na questão de oferecer o melhor que cada um podia.

Bi Hsia não chorou. Andou pesadamente, como se suas pernas fossem de chumbo. Sentou-se na varanda por um tempo que lhe pareceu a eternidade, e olhou o pôr-do-sol no céu de Taiwan.

Quando os élderes iam embora, Bi Hsia seguiu-os até a frente da casa. O élder dos Estados Unidos ofereceu-lhe a mão, e ela desejou não estender a sua. Ele a tomou e apertou-a, e ela puxou a mão rapidamente. Ele abaixou-se e levantou o queixo da menina. "Espero que possamos ser amigos", disse lentamente e com dificuldade.

Bi Hsia manteve os olhos afastados do rosto dele, olhando para além dele, onde as luzes das casas de sua rua iam ficando cada vez menores, à medida que se afastavam. Sua boca permaneceu calada, mas seu coração batia com força dentro do peito. *Nunca! oh, nunca, nunca,* pensou ela, sabendo que, se não fosse por causa dele e de seu companheiro, ela ainda teria Goldie. Observou os élderes entrando no táxi, e sentiu-se melhor quando se foram.

Bi Hsia acordou cedo na manhã seguinte. O sol começava a aparecer entre as canas-de-açúcar, e seus pais e seu irmão ainda dormiam nas esteiras. Ela se levantou silenciosamente e foi para a porta, na pontinha dos pés. Lá fora ouvia-se um pequeno arranhar, o som de passos rápidos na varanda, um cochicho, e um som estranho e sibilante. Ela abriu a porta.

A seus pés estava um ganso branco enorme, o maior que já vira em toda a sua vida. Estava amarrado, e mal podia mover-se, mas a cabeça estava livre, e ele estava grasnando e tentando bater as asas. Quando se abaixou para libertá-lo, com o canto dos olhos, viu algo mover-se perto do *benjo*.

Era o Élder Wheeler, correndo em direção ao Élder Lin, que esperava na estrada, com duas bicicletas. Enquanto Bi Hsia observava, o Élder Wheeler alcançou a bicicleta, parou para tomar fôlego, e olhou para trás. Seus olhos se encontraram à distância, e não se desviaram. Então um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto sério dele. Era um sorriso triste, feliz, um sorriso cheio de compreensão. Foi então que Fu Bi Hsia soube, com toda a certeza, que o élder da América não era tão diferente assim. □

COMO POSSO SER UM MISSIONÁRIO?

Julie Wardell



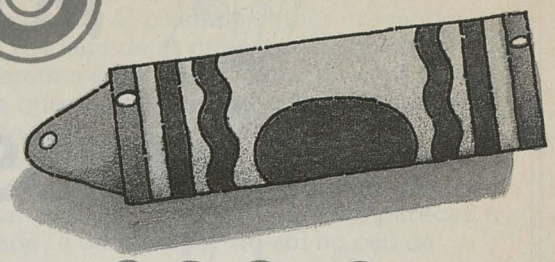
Aqui estão quatorze coisas que você pode fazer para ser missionário. Faça um X ao lado de cada item, toda vez que fizer o que está escrito. Durante as noites familiares, desafie seus familiares a também cumprirem as quinze sugestões da lista.

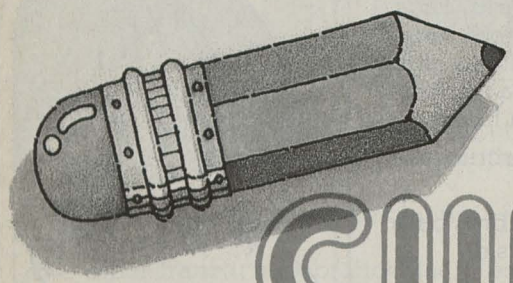
- ☐ 1. Decorar pelo menos uma escritura todos os meses.
- ☐ 2. Convidar amigos não-membros para brincar em sua casa, depois da escola.
- ☐ 3. Iniciar ou aumentar sua poupança para a missão.
- ☐ 4. Escrever uma carta a um missionário
- ☐ 5. Orar de manhã e à noite.
- ☐ 6. Comparecer às reuniões da Igreja e prestar atenção.
- ☐ 7. Obedecer à Palavra de Sabedoria.
- ☐ 8. Comparecer ao batismo de um amigo.
- ☐ 9. Orar pelos missionários.
- ☐ 10. Dizer "alô" a dois novos alunos da escola.
- ☐ 11. Dar o Livro de Mórmon de presente para alguém, e escrever seu testemunho nele.
- ☐ 12. Sugerir que um não-membro ou família inativa seja convidado para uma noite familiar.
- ☐ 13. Prestar testemunho na reunião sacramental.
- ☐ 14. Dar referências de pessoas que nãc sejam da Igreja aos missionários.

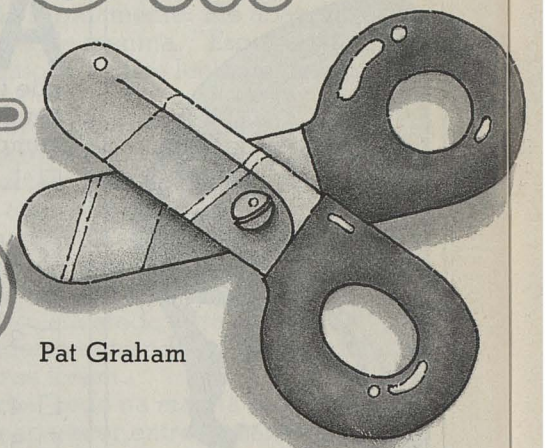


Ilustração de Shauna Mooney

COMO PREPARAR UM DISCURSO







Pat Graham

Quando a serviço do Senhor, o que conta não é onde servis, mas como. (Presidente J. Reuben Clark Jr., *Conference Report*, abril de 1951, p. 154.)

Uma das formas de servirmos as pessoas, é fazer alegremente o que nos pedem, na Igreja. Aprender a servir de boa vontade nos ajuda a nos prepararmos para a obra missionária. Podemos auxiliar em projetos de serviço, proferir orações e discursos. Quando fazemos um discurso, estamos ensinando os outros. Ensinar é uma das coisas mais importantes que os missionários fazem; eles explicam o que sabem a respeito do evangelho às outras pessoas.

Eis aqui uma fórmula composta de quatro partes, que você pode usar para preparar um discurso:

1. Abertura: Diga sobre o que vai falar.
2. Exemplo: Conte uma história das escrituras, uma experiência pessoal ou cite um versículo das escrituras.
3. Aplicação: Diga como podemos aplicar a idéia principal do discurso.
4. Encerramento: Faça um resumo, incluindo o que você mesmo sente a respeito do assunto abordado.

Agora, veja como pode praticar o discurso:

1. Recorte cartões com os tópicos e cartões com gravuras; pinte as gravuras. Espalhe sobre uma mesa os cartões com as figuras viradas para cima, e os cartões com os tópicos virados para baixo.

2. Vire um cartão com um tópico e diga: "Vou falar sobre..." Procure e leia a escritura, relate brevemente, com suas próprias palavras, quem é o personagem da história e o que aconteceu, depois procure a gravura que melhor ilustre a história.

3. Explique por que o princípio-chave de seu discurso é importante hoje. Descreva maneiras de aplicar o princípio para melhorar sua própria vida, e incentive as pessoas a usarem-no em sua vida. A parte mais importante de seu discurso é quando você diz o que sabe e o que sente. As pessoas compreenderão melhor, se você falar lentamente e olhá-las nos olhos.

4. Termine, dizendo algo como: "Digo essas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém."





OBEDIÊNCIA

(Jonas 1-3).



FÉ

(Mateus 14:22-33).



ARREPENDIMENTO

(Lucas 15:8-10).



ORAÇÃO

(Joseph Smith 2:5, 10, 14-19).

PERDÃO

(3 Néfi 12:43-44; 13:14).

Ilustrado por Kay Stevenson e Shauna Mooney

Ligar e Colorir

POR QUE ESSA PRESSA?

Roberta L. Fairall

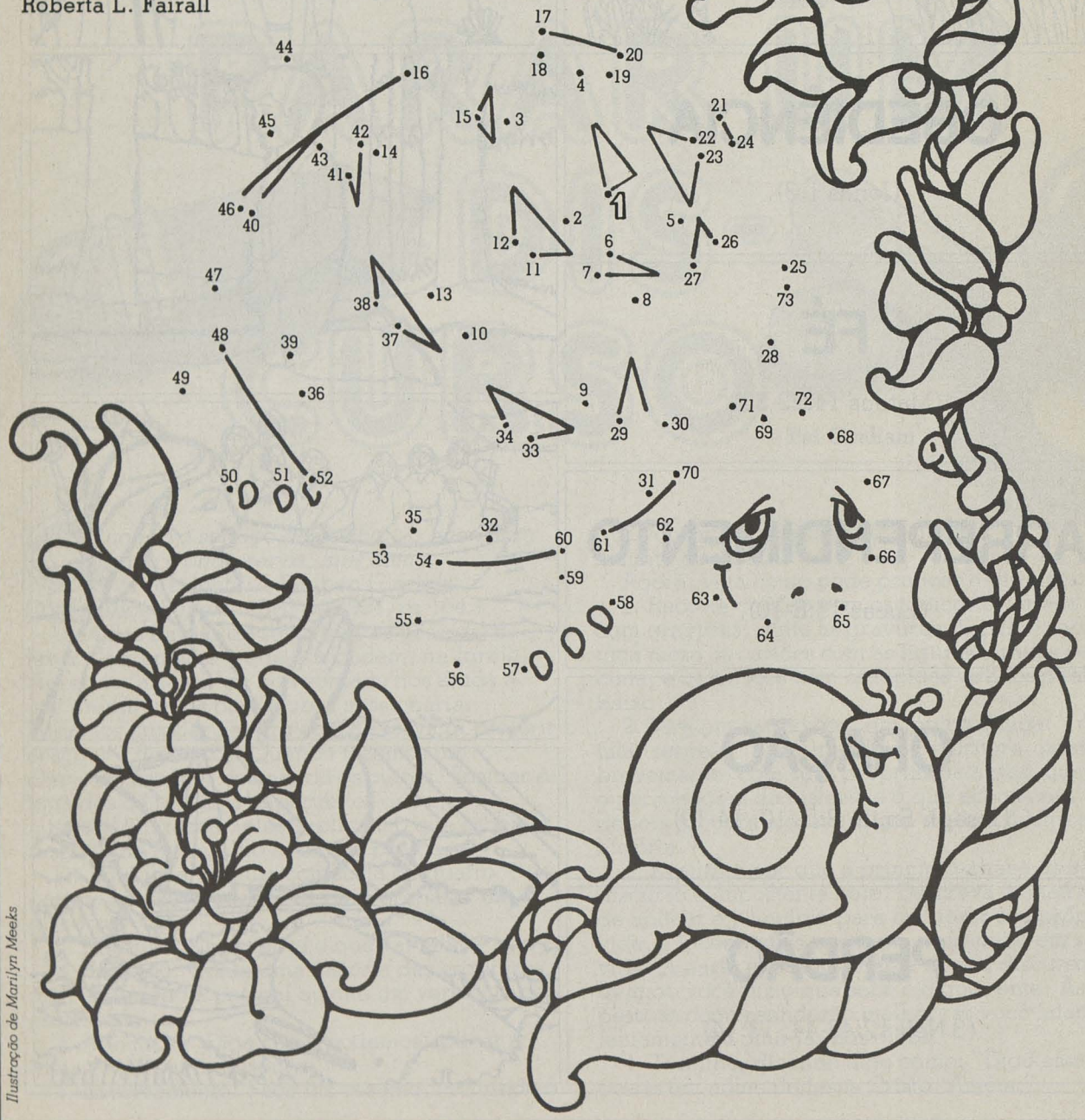


Ilustração de Marilyn Meeks

muito zeloso sobre como é conferido e por quem. Nunca isto é feito em segredo.

Expliquei-vos como a *autoridade* vos é conferida. O *poder* que recebeis dependerá unicamente do que fizerdes com este dom sagrado e invisível.

A autoridade vós recebeis pela ordenação; o poder vem pela obediência e dignidade.

Quero contar-vos como um de nossos filhos aprendeu obediência. Quando estava mais ou menos na idade de diácono, fomos visitar a família de seu avô, em Wyoming. Ele queria começar a amansar um cavalo que ganhara de presente, e que estava acostumado a correr livremente pelas colinas.

Levou quase o dia inteiro para reunir a manada e levá-la até o curral e colocar um cabresto no cavalo e amarrá-lo com uma corda forte.

Expliquei-lhe que o cavalo tinha que ficar amarrado até acalmar-se; ele podia conversar com ele, afagá-lo de leve, mas não, sob qualquer circunstância, soltá-lo.

Finalmente entramos para o jantar. Ele comeu depressa e voltou correndo para junto do cavalo. De repente, ouvimo-lo gritar. Eu já sabia o que acontecera. Ele havia desamarrado o cavalo. Quando o animal tentou afastar-se dele, instintivamente fez o que eu lhe ensinara que nunca, nunca deveria fazer: enrolou a corda no pulso para segurá-la com mais firmeza.

Ao sair em desabalada carreira da casa, vi o cavalo passar correndo. Nosso filho não conseguia soltar a corda e estava fazendo grande esforço para acompanhar o cavalo, correndo a toda. Acabou caindo! Se o cavalo tivesse virado para direita, sairia pela porteira, arrastando o garoto para as colinas — seria a morte certa. Mas ele virou para a esquerda, e por um instante foi obrigado a parar num canto — tempo suficiente para que eu prendesse a corda num poste e soltasse meu filho.

Seguiu-se então a conversa de pai para filho! "Filho se quiser controlar este cavalo, você precisa usar algo mais além dos músculos. O cavalo é maior que você, é mais forte que você e sempre será. Algum dia, quando lhe tiver ensinado obediência, lição que primeiro você mesmo terá de aprender, poderá montá-lo." Ele havia aprendido uma lição muito valiosa.

Dois verões mais tarde, voltamos à fazenda. O cavalo dele ficara o inverno inteiro correndo livremente com a manada selvagem. Nós os encontramos numa baixada às margens do rio. Fiquei observando da colina como se aproximaram cuidadosamente da baixada. Os cavalos se afastaram nervosamente. Então ele assobiou. O cavalo dele hesitou, depois abandonou a manada e foi para junto dele.

Ele aprendera que há grande poder nas coisas que não se vêem, coisas invisíveis como a obediência.

Assim como a obediência a um princípio lhe deu poder para treinar o cavalo, a obediência ao sacerdócio ensinou-o a controlar-se.

Durante a vida inteira, pertencereis a um quorum do sacedócio; vossos irmãos serão uma força e apoio para vós. Mais do que isso — tereis o privilégio de ser um apoio para eles.

Muita coisa do que vos falei a respeito do Sacerdócio Aarônico se aplica igualmente ao Sacerdócio de Melquisedeque. Mudam os nomes dos ofícios, a autoridade é maior, mas os princípios continuam os mesmos.

O poder no sacerdócio se adquire cumprindo o dever nas coisas comuns; freqüentando as reuniões, aceitando designações, lendo as escrituras, guardando a Palavra de Sabedoria.

Diz o Presidente Woodruff: "Viajei milhares de quilômetros e preguei o evangelho como sacerdote e... o Senhor me susteve e manifestou seu poder na defesa de minha vida, enquanto portei aquele ofício, como quando tinha o ofício de apóstolo. O Senhor sustém todo homem que tem uma porção do sacerdócio, seja ele um sacerdote, élder, setenta ou apóstolo, se ele magnifica seu chamado e cumpre seu dever." (*Millennial Star*, 29 de setembro de 1905, p. 610.)

João Batista restaurou o Sacerdócio Aarônico com estas palavras: "A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados." (D&C 13.)

Vós — nossos diáconos, mestres e sacerdotes — recebestes uma sagrada autoridade. Que os anjos vos ministrem. Que o poder do sacerdócio esteja convosco, nossos queridos jovens irmãos, e com vossos filhos por todas as gerações futuras. Testifico que o evangelho é verdadeiro, que o sacerdócio possui grande poder, um poder protetor e orientador para aqueles que portam o Sacerdócio Aarônico. □

De um discurso proferido na sessão do sacerdócio da conferência geral, em outubro de 1981.


L.D.S. CHURCH
TRANSLATION DIVISION
LIBRARY
JUN 15 1987